

ILUSTRAÇÃO



A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O 1.º volume com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS DURANTE ALGUMAS SEMANAS

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROÁ — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

CONSELHOS ÚTEIS

PROCESSO PARA
DAR COR AO OU-
RO DE QUALIDA-
DE MAIS INFER-
RIOR

Fazem-se ferver as
joias fabricadas com
ouro de qualidade
inferior, até completa
segura, no banho
seguinte: Salitre, 2
partes; Alumen, 1
parte; Sal marinho,
1 parte. Agua disti-
lada, a suficiente
para que as peças
fiquem inteiramente
cobertas.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand

S. A. R. L.

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	69\$00	126\$00
(Registada).	—	67\$50	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á Academia Scientifica de Beleza—Av. da Liberdade, 35—LISBOA.

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

ARTURO SEYFARTH



Bad Köstritz 13 (Thur), Alemanha.
—Comércio e criação de cães de raça.— A casa mais antiga, desta especialidade, na Alemanha. (Fundada em 1864). CÃES DE TODAS AS RAÇAS: de guarda, de defeza, policias, de luxo e de caça. Exportação para todo o mundo, com a maxima garantia. Album artistico e ilustrado com indicação dos preços e descrição das raças, Esc. 10\$00 (em selos de correio).



Porquê?

Feliz, satisfeito, porquê? Ele lá sabe

E nós também. É que experimentou a Cafiaspirina e ficou com a certeza de ter sempre á mão um remedio verdadeiramente eficaz para quando sinta qualquer dôr.

Um bom conselho:

— Façam o mesmo!



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA



O primeiro a ter noticias

É muito aborrecido saber alguma coisa de novo (sem ser é claro o numero da sorte grande) e não o poder comunicar às pessoas a quem o desejamos fazer.

V. Ex.^a está como que engarrafado e quando tem possibilidade de comunicar as tais noticias a alguém, fica muito admirado, ao ouvir dizer: «já sabia, a Adelaide telefonou-me e disse-me isso esta manhã».

Quando mal não se espera, há alguém que lhe quer dar uma boa nova, e não pôde faze-lo por V. Ex.^a não ter telefone.

Porque razão não tem V. Ex.^a um telefone?

Não se isole de toda a gente. Tenha telefone e esteja em contacto com os seus amigos.

Peça á **Companhia dos Telefones** o livro.

E por que não?

Grande sucesso literário

2.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de sair a 3.^a edição

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê depressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

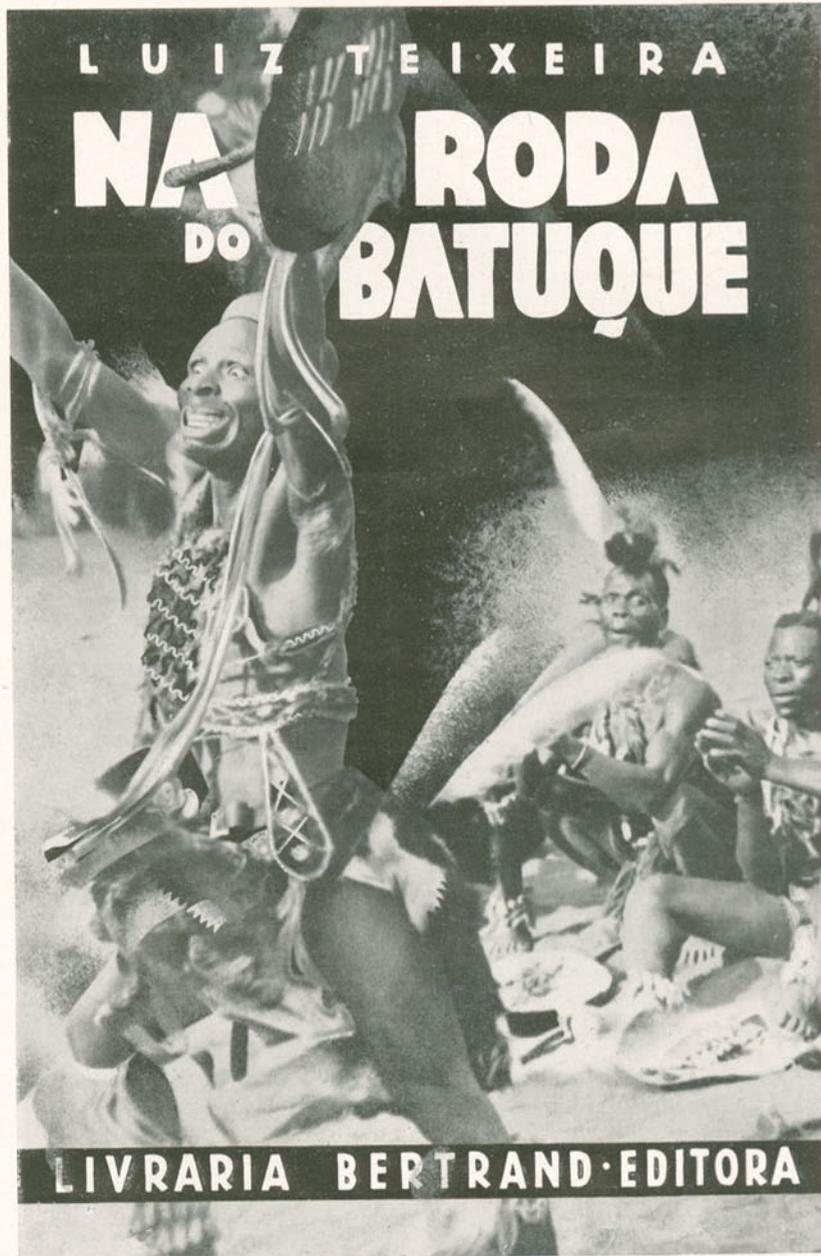
1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA PRIMA DE LITERATURA COLONIAL



VINTE MIL QUILOMETROS NO CONTINENTE NEGRO

S. Tomé e Príncipe, Angola, Congo belga, Rhodesia, União Sul Africana, Moçambique
CIDADES — PAISAGENS — COSTUMES — ATRACÇÕES DESCONHECIDAS

1 vol. de 230 págs. com 18 gravuras e capa ilustrada . . . *Esc. 10\$00*

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campainha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch. 10\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

Saiu a nova edição

C A R T A S

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

COLEÇÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço. A Vila das Pombas.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Acaba de aparecer a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUSA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^{ta}

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

1 vol. de 266 págs. broc. 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por **BENITO MUSSOLINI**

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Crónica da Quinzena

O Palácio de Exposições, erigido no Parque Eduardo VII, desempenha com galhardia a função que lhe destinaram. Em menos de um ano duas vezes abriu para mostrar aspectos da actividade portuguesa. Primeiro foi a indústria, na multiplicidade dos seus ramos, que veio a público apresentar-se e produzir uma surpresa consoladora, ainda não esquecida. Agora vem um compartimento limitado, ou fabrico especial, definir as suas proporções, valor, preferências, através do que se aquilata de certo modo o mérito da situação cultural do povo consumidor.

A Exposição da Criança reúne quanto produzimos e usamos para formar meninos robustos, desenvolvê-los, educá-los. Alimento, utensílios, material de ensino e recreio ali aparece, em documento vivo, capaz de revelar a quantidade e qualidade do serviço que presta. O estendal à vista dá-nos a medida do interesse ou empenho que a família portuguesa, melhor e mais culta, tem pelo problema da propagação da espécie.

Costuma aferir-se o grau de civilização dos povos pelo seu comportamento, em carinhos, defesa, protecção, assistência a velhos e crianças. O respeito pelas idades extremas, bem como pela mulher grávida, pela pessoa doente, constituem índice seguro do sentimento médio da população. O mau trato da criança, o desdém pelo velho denotam uma rudeza feróz, denunciadora de nível educativo baixo no geral do habitante. O garoto que vaia o ancião, deformado pelos anos, e o transeunte que assiste, a rir da chufa, traduzem de modo bem nítido um estado de inferioridade social.

Por esta mesma via o exposto no Palácio do Parque nos permite avaliar a debilidade da nossa marcha no sentido da melhoria dos costumes.

Mas o que na meia dúzia de salas se acha, é alguma coisa, pois não é?

Sem dúvida sobe muito acima do existente há vinte e cinco anos quando no "Século" se fez uma campanha de "Protecção à Infância", que terminou por uma "Exposição de Crianças", a primeira, e única no género, realizada em Portugal.

Diga-se por memória que dessa campanha saíram as Cantinas Escolares, que

com ela nasceu o entusiasmo pelos jogos desportivos, o interesse pela ginástica educativa, a atenção pelo regimen alimentar infantil e muito mais do hoje corrente que se suporá de geração espontânea e custoso intenso trabalho a quem o ensinou.

Um quarto de século atrás não existia o mínimo interesse pela criança. Hoje existe o que a Exposição denuncia.

Conta-se por alguma cousa. Está muito longe do que deveria ser.

Continuamos mantendo o desnível em relação a outros povos do ocidente. O fado dos cinquenta anos de atraso ainda o não tocam á guitarra os nossos inexgotáveis fadistas, o que admira por se afigurar o mais autêntico e rigoroso da vida portuguesa.

Quando a anarquia revolucionária em Espanha ia em movimento ascensional de foguete, disse-se nestas crónicas que não era crível o avanço até à dissolução comunista, por o impedir a estrutura milenária da civilização peninsular, feita de liberdade e independência de pessoas e classes.

As últimas eleições confirmam o prognóstico com nitidez perfeita. Em face dos números que o governo se compraz em declarar verídicos e sinceros a população definiu o seu repúdio formal por sistemas sociais de subordinação extrema, de negação do livre arbítrio, do desaparecimento individual na massa colectiva. O marxismo, com suas variantes, receberam inludível ordem de despejo, por parte do eleitor.

Dois anos de propaganda com os usuais argumentos da bomba, o tiro, o tumulto, com a miséria e dores daí consequentes bastaram para esclarecer dúvidas porventura postas à consciência popular.

"Não queremos bolchevismo, nem mesmo socialismo de índole agressiva, ou catastrófica, em Espanha," foi a resposta colhida de milhões de bocas que no dia 23 de Abril se pronunciaram diante da urna.

Assim se irá entendendo que os sistemas políticos, sociais, ou religiosos obedecem à condição vegetal de ambiente, clima, terreno. Medram num sitio, estiolam em outro. O budismo é asiático, o

ananaz é tropical, a arte é mediterranea o despotismo é russo. Quer este seja aplicado por um Tzar, quer por um Comissário não importa à lei do meio, ou ciclo vegetativo. Ali nasceu, ali viverá sem possibilidade de adaptá-lo para quem de certa linha geográfica. Mais uma temporada, e a Espanha regressará ao seu ritmo milenário. Não quer dizer que regresse à monarquia, incidente superficial dentro da questão, como pode ser o fato de vestir o corpo. A estrutura firme, inabalável, reside no espírito greco-latino que se mantém através de séculos, consubstanciado num direito, ou sistema de sociedade metido já na carne e no sangue através de milhares de gerações.

Permitidas as touradas a sério, com bois que recebem e podem dar a morte, cumpre a Sociedade Protectora dos Animais aquilo que julga seu dever lavrando um protesto contra o acto sanguinário. Os que não pertencem à Protectora repetem também a sua teima de mostrar que entre matar um animal atado de pés e mãos e matá-lo em combate, não será mais repugnante a segunda fórmula.

Quem comenta não é aficionado e talvez por isso não entenda a divergência de opiniões sobre o tema de sacrificar a fera dentro ou fóra da arena. Sempre lhe pareceu uma disputa de Bisancio, sustentada por académicos que não encontram melhor estímulo para os seus exercícios ginásticos de língua.

Aceita-se o acto da cosinheira que degola a inocente galinha, o do magarefe que sangra o porco, o do pastor que mete a faca no pescoço do cordeiro, qualquer dêles representado em atitude sem graça, ridículo, senão repugnante.

Parece pois absurdo repudiar ou ter por imoral, bruto, selvagem o espectáculo escultural, de belesa rara que se desenvolve na tourada de começo ao fim. Acresce ainda, a verdade severa da arte, impossível de trapacear, dada a segurança em que estamos de o touro não aceitar combinações. Uma arte de vida ou morte para quem pretendesse mentir. Que mais queremos para preferir-la acima de tódas?

A colônia portuguesa de Santos, Brasil, comemorando o 4.º centenario da fundação de São Vicente, fez erguer um monumento-padrão, na Pedra do Mato, assinalando a passagem dos portugueses por aquela região. Ao acto inaugural, assistiram algumas das grandes figuras da nossa colônia no Brasil, tais como: Carlos Malheiro Dias, como representante da Federação das Associações Portuguesas do Rio e Ricardo Severo, um dos nomes mais prestigiosos entre os portugueses residentes no Brasil.

O monumento-padrão foi entregue á Camara de S. Vicente. No acto solene da inauguração, não houve discursos. A coluna, que fica situada no alto duns rochedos, foi descerrada pelos alunos da Escola Portuguesa de Santos. Sublinhado o momento por uma prolongada salva de palmas, uma banda tocou os dois hinos: o português e o brasileiro. Em seguida, realizou-se um almoço oferecido pela Comissão Portuguesa do 4.º centenario de S. Vicente. No final, falou, em primeiro lugar, o sr. Carlos Malheiro Dias, escritor illustre. As suas primeiras palavras foram dirigidas aos representantes do Interventor Federal de S. Paulo e do embaixador de Portugal. O seu notavel discurso foi varias vezes interrompido com aplausos. Transcrevemos algumas passagens:

«Estamos ainda demasiado perto do acontecimento que celebramos. Quatrocentos e um anos na vida de um povo, são como os primeiros e vacilantes passos na vida do homem. Ha de ser, á medida que as gerações se distanciarem desta efemeridade, que a irão gradualmente engrandecendo e sublimando, pois, a perspectiva da Historia é inversa da perspectiva optica.

Aquela admiravelmente singela coluna de granito, que a gratidão portuguesa erigiu sobre as escarpadas «Pedras do Mato» e hoje entregou á Municipalidade de S. Vicente, ha de então assumir monumentais proporções pelo poder dilatador dos simbolos que condensa. Os pensamentos que hoje fluctuam nos espiritos das élites percursoras que vão na frente das gerações, levando os fachos da cultura clarividente, ter-se-ão depositado e gravado, como inscrições, na consciencia nacional. Estas ilhas, estas praias, o remanso destas aguas, se converterão em um santuario civico, em um lugar de peregrinação, como seriam os berços das outras nações, se, por ventura, seus povos pudessem descobri-los e identificá-los. Onde começaram, topografi-

Comemorando feitos portugueses foi inaugurado em S. Vicente, Brasil um monumento-padrão

camente localizadas as edificações dos imperios da antiguidade e dos imperios do cristianismo?

Nunca se soube, nem Virgílio sabia, ao compôr a Eneida, onde começara Roma. Mas nós sabemos que aqui começou o Brasil, que aqui se iniciou a construção da Pátria Brasileira, que aqui se improvisaram os rudimentos da sua organização social e política. Esta certeza basta para emocionarmos, para levantar as nossas consciências á altura desta celebração. Os padrões que assinalavam a posse das novas terras desvendadas, na milagrosa pesca de ilhas e continentes, a que se entregaram, por mais de um século, os nautas lusitanos, era, como sabeis, prática portuguesa, reminescência dos marcos romanos cantados pelas cohortas nos ca-



O monumento-padrão — que comemora a passagem dos portugueses por S. Vicente, Brasil — e que foi inaugurado em 19 de março, por iniciativa da colônia portuguesa de Santos

minhos civilizadores que irradiavam de Roma e que abrangeram quasi tóda a área futuramente ocupada pela civilização europeia. Mantemo-nos dentro da tradição dos nossos maiores, entregando, respeitosamente e comovidamente, á cidade de S. Vicente, em substituição e successão do marco transviado da 1.ª Capitania, esta coluna-padrão.

«Aquela coluna comemorativa resume a nossa história. Foi portuguesa na iniciativa, na inspiração e na execução. Corações, inteligência e mãos portuguesas a criaram, esculpiram, e levantaram. Mas logo que se completou, que se desarmaram os andaimes dos construtores, que o último pedreiro arrumou a ferramenta, ficou brasileira, como brasileiro

e paulista é o granito em que a talharam. Essa é também a história simples da nossa afeição ideal pelo Brasil.

Enfrentando as visões do futuro, deixando na sua paz gloriosa as sombras ancestrais, saúdo na

terra e no povo brasileiro, com emoção, com gratidão, com respeito, em nome dos portugueses, a pátria imensa e opulenta que nasceu neste berço paulista, Primeira Capitania do Brasil.»

A seguir, falou o sr. Afonso D'E. Tannay, eminente historiador, director do Museu Paulista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, que agradeceu, em nome dos brasileiros, a oferta do padrão.

Por fim, falou o sr. dr. Ricardo Severo. Do seu discurso, proferido entre contínuos aplausos, publicamos alguns trechos:

«Os portugueses d'agora — felizes habitantes desta boa terra — concertaram-se para erguer uma nova balisa, não, substituindo a dos ancestrais patricios, de há quatrocentos anos, mas, colocando-a sobre uns rochedos que o mar sempre respeitou, e dando-lhe forma perdurável com o estilo heraldico representativo dêsse grande feito que passou da sua ERA LUSIADA para a ERA PRIMEIRA da história do Brasil.

Construido com o mais alvo granito dos campos do Piratininga — por onde se estende a grandiosa capital dêsse maior dos Estados brasileiros —; transportado para as «Pedras-do-Mato», na orla marítima desta primeira Capitania de demarcação territorial do país brasileiro, este singelo monumento contém no seu corpo a material substância, não só do feito histórico de ocupação e povoamento, como também do próprio solo e natureza, em cujo quadro magnifico se forma a nova e magnifica nacionalidade.»

«Entre êsse passado e o presente, mantem-se sobre aquêles rochedos da praia vicentina, a figura hierática do novo cavaleiro-fantasma, personificação visionária no quadro da tradição e da história, arauto e vigia na fronteira dum Novo Mundo.

No eixo vertical desta alegoria que se levanta do mar para sagrar-se sob a aureola constelar do Cruzeiro do Sul, permanece a granitica realidade dessa coluna-padrão, a comemorar a epopeia portuguesa, que, no tempo, vai até aos primordios da civilização europeia, que, no espaço, vem até aqui, a origem da nação brasileira.»

O tenor António de Andrade — nome que figurou entre os mais célebres artistas líricos da Europa — foi recentemente agraciado pelo governo com a comenda da Ordem de Sant'Iago da Espada. Os seus amigos, srs. Jaime Batalha Reis, Viana da Mota, dr. José de Figueiredo e Sousa Lopes, constituídos em comissão, ofereceram-lhe as respectivas insígnias. A festa para a sua entrega, realizou-se há dias. O grande cantor, que aos 66 anos foi forçado a abandonar a cena — ainda no apogeu da sua carreira — foi alvo, nessa reunião, duma merecida homenagem. Trabalhou ao lado da Patti, de Sembrich, de Marie Rose, de Van Zandt e conquistou grandes aplausos em brilhantes temporadas de óperas em Londres, Moscow, S. Petersburgo, Berlim, Roma, Milão, Viena e no nosso S. Carlos. Era um actor de excepcionais qualidades e um cantor de grandes recursos.

Um crítico abalisado da época, escreveu de António de Andrade:

“A sua voz é lindíssima. Muito diversa do famoso Jean De Reszke — que foi sempre um barítono cantando partes de tenor — António de Andrade é, no timbre e extensão da voz, um tenor legítimo. É um artista completo.”

Notabilizou sempre lá fóra — ao lado de seu irmão Francisco de Andrade — o nome de Portugal.

A sua casa encheu-se de amigos e de admiradores nessa noite.

Em primeiro lugar, falou o sr. dr. Câmara Reis, em nome da crítica e dos intelectuais. Disse que Antonio de Andrade é uma glória nacional, no verdadeiro significado da palavra, pois que através da sua invulgar cultura e do seu maravilhoso talento, que lhe deu o primeiro lugar entre os grandes artistas líricos de então, levou, com seu falecido irmão, através da Europa o nome de Portugal. Foi um propagandista nacional, numa arte das mais belas, que não conhece fronteiras porque é universal.

Usou da palavra, a seguir, o sr. Alfredo Pinto Sacavem, em nome do Gremio Lirico Português e depois o sr. dr. Vaz Ferreira, conhecido roman-



UMA HOMENAGEM AO CANTOR ANTONIO DE ANDRADE

cista e amigo íntimo do homenageado, proferiu o seguinte discurso:

“O empavesado cisne morre ao cantar, o colorido pavão apenas grita, a águia majestosa sóbe em silêncio pelo espaço.

O gorgeio, o trilo, as variações melódicas do belo canto concedeu a Natureza às pequeninas aves.

O rouxinol, se exprimissemos sentimentos, interpretasse personagens, soubesse representar, fôsse artista, adquiria — nas vibrações magistrais da Arte — a envergadura pujante da águia e guindava-se imponente aos pináculos do génio, pairando triunfal.

Calando-se então a linda voz do canoro passarinho, — como a iniciação na Arte é investidura irrevogável, baptismo que se não renega — a águia continuava na altura, de asa tensa, a pairar, fitando o sol da glória; porque o rouxinol emudeceu, mas ficou o artista.

Permitam, portanto, minhas senhoras, senhores, que uma amizade de sessenta anos saúde em ANTÓNIO DE ANDRADE a águia gentil, viuva do sublime rouxinol.”

Depois do pintor Sousa Lopes, em nome do grupo de amigos que promoveu a homenagem, ter lido a mensagem e da menina Leonor Viana da Mota, filha do eminente pianista Viana da Mota, ter colocado no peito do grande cantor as insígnias da comenda — acto que foi sublinhado com uma prolongada salva de palmas — Antonio de Andrade, visivelmente comovido, agradeceu nos seguintes termos, a homenagem que lhe tinha sido prestada.

“A honra que me dão com esta solenidade, após a mercê com que o governo do meu país distinguiu o meu passado artístico, comove-me a ponto de não poder exprimir a minha gratidão.

Deu-me a natureza uma voz que era agradável, tomeia-a como um dever, dediquei-me à Arte educando-a e desenvolvendo os dotes cénicos que possuía.

Cantar era pouco para mim. Quis cantar bem e exprimir correctamente os sentimentos traduzidos pela música.

Muitas vezes obtive louvores, sempre envoltos na qualidade de português que, em toda a parte, tanto eu como meu irmão, puzemos constantemente em evidência.

Após quasi dez anos de carreira, veio a surdez sequestrar-me à Arte; aos amigos e à convivência, tornando-me um “solitário entre as gentes.”

Nesta ocasião, mais do que nunca sinto esse isolamento forçado, que me impossibilita até de exprimir como desejava quanto me sinto reconhecido e grato a quantos me manifestam tanta amizade e tanto interesse.

Não posso deixar de salientar entre todos, o meu velho amigo Jaime Batalha Reis, o fino espirito, o diplomata gentil, sempre novo nos seus propectos anos; o doutor José de Figueiredo, o critico artistico por excelência, Viana da Mota, o pianista insigne; e Adriano de Sousa Lopes, o pintor notabilissimo, que tomaram a iniciativa desta festa, tão honrosa para mim.

Num abraço, em que quisera apertar-vos a todos ao meu peito, agradeço a imerecida homenagem e a muita estima que ela demonstra.”



António de Andrade rodeado dos amigos e admiradores, que foram a sua casa cumprimentá-lo



Sarah Bernhardt no papel de «Duque de Reichstadt»

As atrizes que hoje gozam da consideração do público e são recebidas nos salões mais difíceis na escolha dos seus convidados, mesmo daqueles que vão lá para distrair os outros e não para sentar-se à mesa, mal supõem, aquelas pouco lidas em assuntos passados á história, que as suas antecessoras nas seduções da ribalta pouco valiam para a gente de sociedade em todos os países, em tempos idos.

As senhoras iam ouvi-las e vê-las, aos teatros, onde exibiam os seus talentos, umas, e seus encantos físicos, outras, mas nem queriam passar-lhes perto das saias, com medo das exalações de pecado que delas emanava perturbante e provocador.

Consideravam-nas como agentes de discórdia nos lares e, muitas vezes, lardas do amor dos seus maridos.

Como se em todos os tempos e em tôdas as classes — que não só na de teatro — não tivesse havido sempre se-reias perversas que encontram o seu prazer, na desgraça das outras mulheres...

E mesmo a história da galanteria mundial arquiva também, nas suas páginas, muitos nomes dessa classe que tanto desdenhava das que vinham saltitar na frente das gambiarras.

Mas essas faziam as suas tolices, sob a capa da hipocrisia, enquanto que as mulheres de teatro, criaturas que traziam o coração na bôca, gritavam aos quatro ventos as suas loucuras.

E como a hipocrisia é quem sempre vence, essas senhorinhas acobertavam-se cuidadosamente, sob a sua capa de uma falsa honestidade, e tinham por seu lado a opinião pública, podendo assim desdenhar, à sua vontade, das pobres cómicas.

Esse desdém era tal, que em França as atrizes, mesmo casadas, não tinham o direito a ser tratadas por «madame».

Assim, a mulher de Molière — a linda

Outros tempos... outros costumes

Armanda Béjou — era conhecida por «Mademoiselle» Molière, e desta forma chegou até nós.

Depois, pouco a pouco, a mulher foi libertando-se das cadeias que a prendiam a uma moral convencional, e a gente de teatro foi ganhando, com o à vontade das classes superiores, a estima geral ou, senão a estima, uma tolerância maior para os seus deslises de amor.

Que, afinal, essa ideia que se fazia das atrizes assentava num preconceito estúpido, sem bases sólidas, porque as ofensas a Vénus vieram sempre de tôdas as mãos femininas, sem letreiro especial.

O talento acabou por vencer tôdas as más vontades, e os salões em breve começaram abrindo as suas portas aos grandes nomes do teatro, que não eram menos notórios em extravagâncias de tôda a sorte.

Sarah Bernhardt, que teve tôdas as aventuras, algumas ruidosas, — como aquela com o grêgo Damala, que ela encontrou uma noite, ao representar a *Fedora*, na alcova onde a princesa russa tinha que enlaçar o seu amado morto,



Sarah Bernhardt na «Theodora»



Sarah Bernhardt na protagonista da «Princesse Loitaines»

debulhada em pranto, e que lá se introduziu com a cumplicidade de alguém, ser beijado pela mulher que o trazia para louco varrido — legenda ou verdade, assim constou — Sarah, os nervos mais irrequietos do teatro francês, forçou tôdas as portas, e pelas salas da nobreza, a sua voz de oiro ecoou, em revoadas de triunfo.

E foi assim por todo o mundo. Com ela, seguindo-a como as suas malas, ia a sua reputação de original e bizarra na sua vida íntima, mas isso não impedia, antes acendia o desejo de tê-la a seu lado, momentos que fosse, longe das fantasias da cêna.

Aqui, entre nós, se lhe abriram as portas dos salões dos duques de Palmela, graças ao espírito gentilíssimo e desempeirado da senhora duquesa, sempre pronta a agasalhar o verdadeiro mérito.

Não quero dizer que algumas mulheres não se tenham aproveitado das vantagens de uma tão prolongada exposição de suas graças, para tirarem delas rendimentos com que a arte nada tem, mas a maior parte foi, e é ainda hoje, dedicada unicamente a bem servir a obra de beleza que é a actuação num palco.

Felizmente, êsses tempos passaram e creio bem que para sempre.

Pelo seu casamento, muitas atrizes por êsse mundo fóra, têm entrado de direito num meio que antes as repudiava, e algumas têm dado melhores esposas, mais fieis do que outras recrutadas em camadas que as convenções apelidam de gente séria, e onde há de tudo, bom e mau,

E o teatro só teve a lucrar com esta reviravolta da opinião pública, porque hoje já há atrizes saídas de situações muito superiores àquelas donde elas vinham dantes, portanto, a par de maior cultura, há também, nos bastidores, mais elegância de maneiras, tornando a actriz um conjunto de graça e de encanto.



O BAILE DO AUTOMOVEL CLUB

alegria, chegando por vezes atingir o delírio. Às duas da madrugada, foram abertos os salões de mesa, onde foi servida uma finíssima ceia.

O baile anual do «Automóvel Club de Portugal», levado a efeito pela comissão de festas daquela aristocrática agremiação, formada pelos srs. José de Aguiar, João Ortigão Ramos, Pedro Bordalo Pinheiro, Mário de Noronha, Sebastião Teles, Mário Gusmão Madeira e Carlos de Vasconcelos e Sá, constituiu sem dúvida alguma o grande acontecimento mundano deste ano, não só pela sua escolhida frequência, como pelo brilhantismo, em que decorreu.

O baile de sábado de aleluia, serviu para a inauguração dos salões do andar nobre do Palácio Palmela, ao Calhariz, com que foram ampliadas as instalações do Automóvel Club de Portugal, sendo a primeira vez que se abriram aos sócios daquela agremiação.

O aspecto dos salões nessa noite, vai decerto ficar para sempre gravado, não só nos anais mun-



O produto líquido desta linda festa, destinava-se ao fundo de Assistência dos Profissionais do Volante, obra de beneficência, ainda em organização.

A comissão de festas do Automóvel Club de Portugal, está decerto plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto debaixo do ponto de vista financeiro, como mundano.

Dar uma nota completa da selecta assistência que encheu os vastos salões do andar nobre do Palácio Palmela, ao Calhariz, é tarefa difícil para um cronista mundano. Contudo recorda-nos ter visto entre outras as sr.^{as}:

Condessa de Santar, condessa de Sucena, D. Maria da Glória de Noronha e Távora de Sá e Melo, D. Cecília de Serpa de Oliveira, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco e filha, D. Elisa



Carneiro Bordalo Pinheiro e filha, D. Maria Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Luisa Diogo da Silva Teixeira e filha, D. Assunção Cirne de Carvalho, D. Albertina da Camara Rodrigues Walden Supardo, D. Ana Maria Barros de Costa de Moraes, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques e filha, D. Julieta Neves Ferreira Cancela de Abreu, D. Maria Diogo da Silva Cancela de Abreu, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Cidália Guedes de Andrade Santos, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Sára Cabral e filha, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Maria Heloisa de Araujo Duarte Silva, D. Maria Guiomar Duarte Silva, D. Maria Mexia de Bettencourt, D. Maria da Nazaret de Almeida de Carvalho



Daun e Lorena, D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Luisa de Sá Pais do Amaral Macieira, D. Luccy de Aguiar, D. Maria Cândida Correia de Moraes Pereira, D. Zina Pombo da Ponte e Sousa, D. Alexandra Caleia Dias de Freitas, D. Maria do Carmo Pereira de Lacerda e filha, D. Ana da Camara Ribeiro Ferreira, D. Maria Sanguinette de Bourbon e filhas, D. Isaura Madeira Branco e filhas, D. Maria Pinheiro Cantarino Lima, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sasseti, D. Maria Helena Pereira Kulberg, D. Maria da Glória Vaz Monteiro da Silva Avelar, D. Fernanda Seves, D. Isaura Vaz de Araujo de Santana, D. Maria Francisca de Sá Nogueira, D. Maria Amélia de Lencastre Freitas Alegro, D. Arcelina Moreira dos Santos, D. Corina Lafayette de Andrade e Silva, D. Maria José Canas da Costa e Silva,



D. Alice Guedes de Andrade, D. Maria Teresa Perry Vidal Marques da Costa, D. Maria José de Melo Breyner da Câmara (Belmonte), D. Maria Luísa Pedroso Barata, D. Maria Almeida Serra, D. Maria Máxima e D. Maria Amélia de Melo Arriaga Tavares, D. Maria Eduarda Capelo Ribeiro da Costa Cabral, D. Maria Flora, D. Maria Amélia e D. Maria da Assunção Bastos Amaral, D. Helena Stromp, D. Maria Martins Pereira, D. Maria da Conceição de Carvalho Rica, D. Maria José Vaz Monteiro da Silva, D. Maria da Conceição Lima Santos Tavares, D. Maria Adelaide Coelho, D. Maria Isabel Pereira, D. Gracinda de Castro Vaz de Araújo, D. Maria Helena Pereira Machado, D. Maria Helena de Noronha Mahem, etc., etc.

D. Nuno.



danos desse club, como na memória de tôdas as pessoas que tiveram a felicidade de a ele assistir, pois de há muito que não se realisa, em Lisboa, um baile que revista tanto esplendor.

Os salões nobres, que acabam de sofrer uma radical transformação, viveram nessa noite momentos de inolvidável prazer espiritual, que com dificuldade se apagarão da memória.

Ao som das orquestras «jazz-band» «Portugal», a melhor organização portuguesa deste género, que se fez ouvir em um excelente repertório de músicas modernas, sobretudo portuguesas, e da «Tró-ló-ló» da grande companhia brasileira de revistas, que está funcionando no Coliseu dos Recreios, que nos deliciou com o seu repertório de músicas populares brasileiras, dançou-se quasi sem interrupção até perto das oito horas da manhã, sempre num crescente de animação e



Entre a nova geração dos que trabalham nos jornais, Luiz Teixeira é dos que se nem impondo pelo seu valor e pelas suas qualidades literárias. Acompanhou, como jornalista, o ministro das colônias, na sua viagem às possessões portuguesas na África. Dali, enviou ao seu jornal, crônicas e relatos da visita ministerial. Agora, saíram a lume, numa edição modelar, alguns desses artigos, acrescidos de novas crônicas, relatando novos factos. É uma obra quase inédita. Nela se fala dos vinte mil quilômetros de África que foram percorridos pelo sr. Dr. Armando Monteiro. Há observações justas, há boa literatura. É um livro com unidade, com orinício, meio e fim. As ideias são desenvolvidas com brilho e elevação. Luiz Teixeira, a quem já se devem dois volumes, que mereceram da crítica os maiores elogios, revela-se inteiramente nesta sua obra, um escritor de largos recursos. São páginas escritas com nervosismo. Há cor local, há vibração, sensibilidade. "Na roda do batuque", se intitulou a obra. Diz tudo. É um rótulo de observação. Luiz Teixeira soube escolher um bom nome para o seu livro. Descreve-nos, com exactidão e verdade, os costumes e as paisagens africanas. Lê-se com agrado. "Na roda do batuque", é um livro sobre as colônias, dos que merece figurar na estante dum colonial. Neme de lódas as obras, sobre esse assunto, se pode dizer o mesmo. Tem pitoresco o seu descritivo. Na hora em que o problema colonial deve chamar a atenção do grande público, a nova obra de Luiz Teixeira vem trazer luz. Tem interesse — interesse nacional. O trabalho colonizador dos portugueses está nele bem patente. Fala-nos da vida indígena. Tudo lhe mereceu observação. Qualquer das suas páginas, é digna de leitura. Recomendar aos nossos leitores o livro de Luiz Teixeira, constitui quasi um dever. A edição, que é esmeradíssima, pertence à Livraria Bertrand. Para se avaliar do valor da obra, transcrevemos, a seguir, dois dos seus curiosíssimos capítulos:



Luiz Teixeira

me lembro, só tenho presente, o côro alto, nostálgico, dos barqueiros do Lucála conduzindo a jangada noite fóra. Qualquer coisa de velhas canções do Volga, muito de serenidade e de mistério, de doença íntima a expressão anímica da raça negra que sofre saudades e amarguras de solidão.

¿Mas como é aquela música alegre que eu ouvi o ano passado nos largos da Madragã?

É não acerto, não encontro.

Só está junto da minha imaginação o grito alarmado das mulheres do Congo correndo pelas estradas para saídam; o guincho sonoro dos pretos da Lunda, a algazarra vibrante dos indígenas de Malange, o gluglu de pássaro exótico das bundas e luênas, o trote apressado, vertiginoso, dos cavaleiros carnavalescos das terras cuanhamas, sem calças nem calções, sem botas e sem esporas, mas com pluma de avestruz lançada ao vento e às vezes com peitilho decorativo de guarda branca e doirada da guarda austríaca ou dolman azul e vermelho, decrépito e pálido dum fardamento alemão de 914...

¿E aquela cantiga das gentes de Alfama?

Não há maneira. Só encontro, na escala desordenada das minhas recordações, os ruídos certos, iguais, dos carregadores palmilhando encostas agrestes do Quanza, dos apitos das locomotivas, do bambolear das vagonetas das minas, do trepidar alarmante dos madeiros nas pontes perigosas, do crepitar das queimadas, dos soluços dos motores, das gargalhadas das quedas de água do Dala, que não descansam, que não se calam nem desanimam em sua correria sem travões...

É os "álerias", das sentinelas no forte Roçadas e ao cair monótono das picaretas sobre os montes do N'zargi, em busca de diamantes, e o queixume meigo do capim pisado pelos antílopes e o baloiçar irritante da joplíng-jig nas estações de escolha no Dundo...

Há um ruído mais forte, mais intenso, mais dominador, que centraliza todos os barulhos, todos os murmúrios, todos os gritos, todos os alarmes na terra africana e substitui na minha evocação as festas garridas e as canções saudáveis da noite alfacinha de Santo António.

É a vibração sem variantes do tambor. A gente vem de longe. Desembarca, faz-se ao mato, encontra areais, capim alto em cabeleira amarela do terreno, perfis de palmeiras, vultos antipáticos de árvores agorentas avisando insalubridade

LITERATURA UM LIVRO NA RODA D DE LUIS

e região indesejável, chanas enormes, cubatas, queimadas feéricas, devorando florestas onde vagabundeia o leão e rastejam sonolentemente gibóias traçoceiras; perigo, falta de água, mosquitos, destinos incertos, o Sol que castiga sem perdão, rumores à beira dos caminhos na noite sertaneja melancolicamente quieta e suspeita — a iena chorando perto do acampamento, bananeiras com folhas verdes gentis e espalmadas, jacarés repelentes pelas margens das lagoas sujas, lendas infantis ingénuas e saborosas, doenças do sono, correrias de zebras e gazelas, o som cavo e terrível duma manada de elefantes que desliza na distância; sombras de abutres peneirando vãos sinistros, pretos simpáticos, pretos felizes, costumes originais, fogueiras, jangos, multidões submissas e respeitadoras, tradições, ritos, o "tam-tam" nos montes elevados confundindo coisas indecifráveis e, como um eco dos nossos passos, como um choque de corrente sonora que vem arrasada, presa da nossa sombra, — sempre a canção repetida do tambor...

É o batuque negro. Em círculo largo, pretas nuas fazem contorcionismo impressionante e flexões de rim em passos de harmonia calculada. Tiintam guizos e argolas de metal nos tornozelos finos e missangas delicadas em espuma sobre o colo.

E gritam. Uma, avança para o centro e, coquette e provocadora, guincha entre sorrisos e monossílabos picanetes.

Ondula a dança do ventre. Entre os dentes brancos estica-se, para bom pormenor da composição intencional, uma fôlha de capim.

Vi os songos no "semba", excitante e original.

Raparigas dum lado, rapazes do outro. As marimbas também conduzem o baile. Um negro destaca-se e corre dançando em vertigem. Braços erguidos, narinas dilatadas, a moça aguarda. Entre uma nuvem de pó os dois corpos chocam-se furiosamente e agarram-se dando duas voltas alucinadas e quasi caindo em tromboalhão.

É, sem disfarces, o máximo da sensualidade. Tudo isto dura dias. E sempre o tambor...

Gritos e rugidos, bailarinos que nunca se fatigam, volteios iguais que se sucedem em monotonia sem uma hesitação e sem um desfalecimento. Máscaras de traços fortes mais vindados pelo clarão da fogueira ancas gíngadas, peitos que



COLONIAL DE EXITO: O BATUQUE TEIXEIRA

tremem em cadência, silhuetas, sinais de excitação e de desejo no alvorço dos olhares que se encontram na roda do batuque.

... E sempre o tambor...

Enovelam-se os corpos, canta agora um negro coisas que viu e outro depois, mais alto, episódios de lutas doutros tempos.

E a roda não pára, não desanima. Fazem meia volta após cinco passos e seguem outros passos e mais voltas, o mesmo som na festa, os mesmos dentes brancos no prosócio das bocas esticadas em pregas de quem se esforça e não desiste.

E tudo movimento, e tudo espectáculo. E sempre o tambor... tambor...

Escorre suor em fio sobre os peitos bronzeados onde há manchas de mudecunado enopado em óleo e às vezes tudo aquilo segue em delírio até à morte, quando o cacimbo aproveita o calor do corpo excitado para a organização completa duma pneumonia sem apêlo.

Quiçócos, bundas, vátuas, chópes, lundadas e luênas; ganguelas e cuanhamas; tongos, landins e macuas; gente escura das sanzalas do sertão — para todos o batuque é refúgio de velhos instintos guerreiros, festa heróica, certa, nobre, da raça negra que vive e sofre sob a chicotada áspera do Sol tropical enquanto sempre, sempre, numa teimosia persistente e incansável, a toada perseguidora do tambor é a voz da floresta, lamento dos rios, gemido do capim, definição africana que se aprende no contacto e fica para toda a vida a vibrar nas nossas recordações como uma grande saúde do deserto distante...

— Olhe lá está um carro boer.

Insistira por esta imagem africana bem característico, tradicional e histórica na vida de Angola. Em Luanda tinham-me falado dos "funantes", mercadores do sertão, exploradores comerciais da selva, que faziam o cruzeiro do continente negro, trocando panos de chita e botijas de genebra por dentes de marfim, decilitros de sal por peles de onça e pedras de diamantes.

Tinham-me dito que eles passavam semanas e semanas empoleirados nos seus carros originais, por atalhos clandestinos,

em convívio com a bicharia do mato, com as tribus sertanejas e com a floresta que tem um imprevisito em cada clareira — um elefante, um leão ou uma lança envenenada.

Construiu com estes elementos de informação, com outros pormenores mais desenvolvidos e com uma reduzida percentagem da minha fantasia, um cálculo folhetinesco de visão aproximada sobre a vida errante e aventureira do carro boer e dos seus tripulantes destemidos e felizes.

Depois, quando percorri a colónia fui perguntando:

— Os senhores não viram por aí um carro boer?

No Zaire, no Congo, em Malange, na Lunda, ficavam-se a pensar, a ver se se lembravam.

— Nada. Eu não sei o que isso é. Para estes lados não passou...

Só velhos colonos, queimados por dezenas de anos de intimidade com a areia e com o Sol do deserto, me diziam às vezes:

— Bem sei — os carros boers, que saudades... Agora, para aqui, só cruzam as estradas altos pneus de camionetas velozes, automóveis, motos... Talvez no Sul. O senhor vai para lá, não é verdade? Quem me dêira ir consigo, para os tornar a ver e recordar...

Efectivamente, o carro boer, como os cavaleiros indígenas, furiosos e alucinados em galopadas loucas, como os penteados em jeito de capacete romano, como o Cunéne, pertence hoje apenas a pitoresco e ao décor, à história e à paisagem da região do Sul. É lá que o encontro ao lado da estrada, prestes para uma larga viagem por terra cuanhama, onde há léras que não há água, onde há na verdade marfim mas também existem tribus aguerriadas e insubmissas, instaladas em condições provisórias para a fuga rápida ao arrolamento do imposto. E então pergunto, quero saber como é aquela vida do sertão através do andamento *au ralenti* do carro de altas rodas que enchem num lamento sem descanso, sob cobertura de lona, em semelhança de transporte nómada de ciganos boémios oscilando constantemente.

Contam-me. Duas dúzias de bois malhados e pacientes, às parellas, formam a espana de arranco. Atrás, outros tantos em reserva, pois muitas vezes, pelos caminhos, os animais, sem forças, ficam abandonados por inúteis ainda com um resto de vida no olhar, que lhes permite ver a



aproximação dos bandos sombrios dos abutres que vêm, afinal, fechar-lhe os olhos em picadas sófregas, no início do festim da sua carne fatiada.

E vai em marcha. Atravessa matas de espinheiros, calca flores de mopane, folhas da cassoneira e do sorgo.

Passam na distância, assustadas, zebras elegantes e vultos gentis de avestruzes. Canta o "pássaro do mel" à sua passagem, a prevenir a vizinhança das colmeias, e o carreiro negro, do

seu poleiro baloiçado, lança o chicote de alguns metros para açoitar a espana, que, de quando em quando, hesita por cansaço.

O Cruzeiro do Sul, ao alto, não chega para iluminar o caminho, e o "candeiro", vai à frente, entre a primeira junta de bois, com lanterna fiel que alumia o desvio. O viajante vai ao lado do condutor, e junto dele, a pé, o "lampeão", preto simpático, que sabe coisas e não se cala desfiando lendas ingénuas do lagos, histórias de raiinhas selvagens, episódios da sua raça em lutas doutras eras, amores de fadas dèstes bosques com centauros altivos e misteriosos, tudo entre sorrisos de dentes muito brancos, golpes sonoros de chicote e o chocalhar tiintado dos cabrestos.

E quando a noite do sertão é tão fechada que já se vêem luzir entre o capim os olhos verdes dos bichos do mato, tudo pára. Desmancha-se a fileira da espana. Junto do velho imbondeiro acendem-se fogueiras. Arma-se o espêto para assar um cabrito tenro. Pastam os bois. O viajante branco, faca na cinta e carabina ao lado, dá a horas, adormece no conforto duma rede esburacada, enquanto mestre "lampeão", sorrindo sempre, conta como foi aquilo, naquele ano, quando um velhozinho missionário conversou com os animais da selva sobre coisas de Deus...

O carro boer em África é ainda uma imagem do século xx. Os "funantes", rareiam, porém. A ocupação intensa dos portugueses deu uma vastíssima rede de boas estradas à província, ao lado das quais são mais frequentes as casas para o negócio com os negros. A camioneta, a "carrinha", como aqui lhe chamam, cruza-a constantemente. Com ela criou-se uma nova atracção nestas paragens. São os restaurantes das terras pequenas do interior. Em muitos deles, peneiros, após centenas e centenas de quilómetros percorridos.

Luiz Teixeira.





Vista geral da linda cidade de Königsberg, strada de aeroplano

BERLIM, Tempelhof, Flughafen. O formidável campo de aviação da cidade do "Reich". Onze horas da noite. Aviões peçados de gente que chega e parte para as grandes cidades europeias. As últimas carreiras do dia estão indicadas no horário, colocado na cômoda sala de espera.

Naquela noite, entretanto, o pessoal da estação mostra uma certa ansiedade. O avião gigante «D. 2000» deve estar a chegar, vindo de Londres, para imediatamente continuar a viagem até Königsberg. Passam uns minutos das onze horas; a sua vinda estava anunciada para uma hora antes da meia noite precisa. O telégrafo e os postos semafóricos principiam a trabalhar, lançando, no espaço, interrogações.

As interrogações da Flughafen de Tempelhof respondem os telégrafos de Londres anunciando que a partida do avião gigante fôra retardada aguardando que o tempo melhorasse. Quasi de minuto a minuto são transmitidos e recebidos avisos meteorológicos. Estes, porém, continuam a chegar com notícias de tempestade na costa britânica. A partida, para a Prússia, do grande avião é agora fixada para a uma da madrugada. Há mais gente para embarcar conosco. Entre os passageiros contam-se quatro senhoras; duas delas, seguirão para Moscou. São raparigas



Uma das ruas de Königsberg

novas, interessantes; uma tipo de inglesa, traz demonstrado na bagagem que tem viajado muito.

As horas passam sem haver notícias favoráveis acerca da chegada do «D. 2000».

Algum tempo decorrido vêm comunicar-nos que a partida, para Königsberg, fôra trans-

ferida para o dia imediato às oito horas da manhã.

Não se torna necessário sair da estação para recorrer a um hotel onde passar o resto da noite. Na Flughafen há tudo: hotel, restaurante, correio, cambista, tabacaria, livraria e todos os demais comércios que andam espalhados numa cidade, ali existem naquela estação, naquela proximidade monumental da Luft Hansa.

A iluminação, agora, começa a afrouxar. O silêncio vai envolvendo o ambiente. Os guardas da noite surgem e procedem, no edifício, a uma metucilosa vistoria.

Cabe-nos a vez de recolher.

Um "gute nacht," põe ponto final naquela noite, que decorrerá tão cheia de incertezas.

"Guten morgen!"

São as primeiras palavras que os nossos ouvidos escutam, manhã cedo, ao raiar da aurora, e ao atravessarmos um daqueles longos corredores que nos levam até cá abaixo ao campo de aterragem.

Foram pronunciadas por uma graciosa fraulein de cabelo loiro alvadio, que, como nós, aguarda o aeroplano.

No restaurante os herr ober, de camisas engomadas e rostos barbeados, afanosamente, preparam as mesas para os primeiros almoços.

Muito embora o sol ainda não tenha

APONTAMENTOS

De Berlim a Königsberg em vôo

surgido, já os hangars estão abertos e há vários aviões no campo. Está neblina e uma chuva miudinha, impertinente, cai teimosamente.

Sobre as nossas cabeças começa a ouvir-se o ruído dum motor. É um aparelho que se aproxima e vai aterrar. Agora está pairando baixo, desce, corre o campo e pára junto a nós. É um pequeno avião que faz o serviço de correio. O primeiro que naquela manhã aterrará em Flughafen de Tempelhof. Outros aviões, entretanto, iniciam as partidas daquele dia. Dirigem-se para Hamburgo, Leipzig, Londres, Paris, Anvers, Bruxelas, Viena, Constantinopla, aviões que vão para toda a Alemanha, aviões



Na Flughafen de Berlim, idéntica a de Hamburgo, os passageiros aguardam-se para a partida

que levantam vôo para todas as grandes cidades do velho continente.

O nevoeiro principiara a dissipar-se com o aparecimento dos primeiros raios de sol. O dia apresenta-se lindo. A estação começa a animar-se. Há muita gente que chega e outra que aguarda a hora da partida.

Cortando o ar passam aves gigantes. Descrevem curvas elegantes, pairam e o resfolgar dos seus pulmões de aço, por vezes, deixa de se ouvir. Quando, lá longe ainda, surge no horizonte um avião o polícia sinalheiro que se encontra postado no meio do campo, comunica-o ao posto semafórico; este ilumina, com uma luz verde, e, por sua vez, o aeroplano desce.

Sobre as nossas cabeças há, agora, um barulho maior que, pouco a pouco, aumenta e ensurdece.

A alfandega aproxima-se da pista. Há

DE VIAGEM

Königsberg directo

um manifesto movimento de interesse e admiração.

O «D. 2000», o avião gigante prepara-se para aterrar. Olhamos a pista.

As hélices abrandam, param, movimentam-se de novo, tornam a parar.

São sete e um quarto da manhã.

Três quartos de hora depois procede-se aos últimos preparativos da largada da grande aeronave. Os passageiros ocuparam já os seus lugares. A porta de entrada fica herméticamente fechada. Os quatro hélices do «D. 2000» animam-se, lentamente primeiro e rapidamente depois.

O avião começa a movimentar-se no sentido de tomar a posição para o vôo, contrária ao vento.



Fotografia do «D. 2000», tendo a assinatura do comandante da grande aeronave

Desliza suavemente, docemente sobre a relva curta e verde da enorme pista, húmida ainda do orvalho da noite e da chuva miudinha da madrugada.

Repentinamente, corre vertiginosamente, doidamente, calcando a relva, como que pretendendo destruir tudo, despedaçar tudo, numa fuga louca e alucinada. Os hélices trabalham ao máximo da força. As rodas deixam de tocar no solo; giram sobre si, no ar. Começamos a subir. Um altímetro, colocado na nossa frente, indica nos qual a distância a que nos encontramos afastados da Terra: cem, duzentos, trezentos, seiscentos metros. Estamos em pleno vôo, no vasto ambiente atmosférico.

E... sobre Berlim, em direcção a Königsberg, vão singrando o ar, quatro mil toneladas de alumínio e aço, transportando dez passageiros e seis homens de tripulação.

Um criado serve-nos refrescos; em outras mesas toma-se café. Não temos nem a sensação do vôo, nem da altura; tal a comodidade com que vamos instalados. Só verificamos a distância a que estamos do solo olhando pelas vigias ou reparando no altímetro.

Casas, ruas, lagos, jardins e parques dão-nos a impressão de brinquedos minúsculos gerados por uma prodigiosa imaginação de fantasia. Não se distingue um único ser vivo. Dir-se-ia que temos sob os nossos olhos uma carta-relevo. Vapores, barcos, rios, tudo se nos apresenta pequeno, diminuído, infinitamente minúsculo.

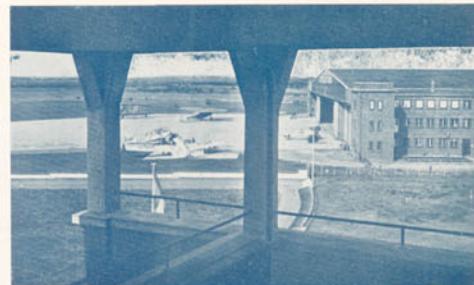
O nevoeiro surpreende-nos e envolve o avião. Agora os campos e os bosques que a luz do sol fazia realçar, começam a escurecer. A nuvem parda-centa do nevoeiro torna-se mais espessa. Chove, chove torrencialmente. Vamos completamente dentro de nuvens que incomodam e enervam.

O «D. 2000», agora, inclina-se bruscamente para cima. O comandante comunica-nos que vai subir, fugir ao nevoeiro, procurar o horizonte livre.

E o avião sobe, continua na sua ascensão vertiginosa enquanto o altímetro, indiferente à velocidade impulsional,

vai marcando oitocentos, oitocentos e cinquenta, novecentos metros. O avião continua a subir, subindo sempre até que desapareça o véu branco que nos cega, até que destinga o caminho a percorrer.

Agora, o nevoeiro já não existe. Um panorama maravilhoso e de grandiosidade in-



Um dos hangars, visto dum das galerias da Flughafen de Tempelhof

traduzível, substituirá-o. Um panorama de uma beleza rara, de estranha sedução e extase, alonga-se diante dos nossos olhos absorntos. Um céu azul safira, puro, sem um traço, sem uma tênue mancha a deminuir-lhe a preciosidade da cor, estende-se sobre nós, espalha-se diante da nossa vista como um manto diáfano infinitamente grande enquanto em baixo, as nuvens cor de pérola, nos dão a impressão de um mar revólto, ou montanhas de algodão que o sol faz resplandecer e criar contrastes. Temos diante de nós o mais belo espectáculo que, julgo, seja possível disfrutar. Assistimos a uma apoteose monumental cheia de irrealidade. Contemplamos uma demonstração de inconcebível idealismo.

A ilusão perfeita de que as rodas da aeronave assentam e correm céleres sobre aquele vastíssimo e sinuoso tapete, está aqui sob a nossa vista, deslumbrada com a magnificência do cenário.

Meio dia e meia hora. Voamos sobre Königsberg. Descemos. Estamos a cem metros do solo. Multíssima gente no aeródromo e nas ruas assiste às evoluções do avião gigante que pela primeira vez, aterrará na "Flughafen" prussiana. Foram quatro horas e meia de viagem. Quatro horas singrando os ares, sulcando o espaço, disfrutando panoramas inolvidáveis

Tôrres de Carvalho.



A Flughafen vista do ar

Belezas francesas



PARIS acaba de eleger a sua «miss 1933»: mademoiselle Cortez. Por sua vez, a França, escolheu para sua representante no próximo Concurso Internacional, que este ano reúne em maio, em Madrid: mademoiselle Jacqueline Bertin, de desonove anos, elegante, loura, olhos rasgados e boca airosa. Neste Concurso de Beleza, todos os países da Europa se fazem representar. Há, porém, uma excepção: Portugal. Porquê? Ninguém nos saberá dar uma resposta?

Bombeiro com 90 anos



O mais velho bombeiro da América do Norte — Tomás O'neil — que já fez noventa anos, tomou parte, recentemente, numa parada em Washington, em comemoração do aniversário da sua fundação. O venerando bombeiro, foi alvo da atenção da população da cidade.

PELO MUNDO FÓRA

A catastrophe do dirigível «Akron»



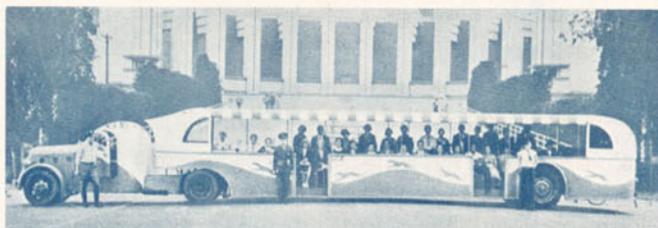
O maior dirigível do mundo — 240 metros de comprido e 185.000 metros cúbicos de capacidade — que estava ao serviço da marinha norte-americana, ha dois anos, caiu ao largo de New-Jersey. Tinha a bordo 70 pessoas. Só 4 se salvaram, tendo uma delas falecido horas depois. O casco do «Akron» — assim se chamava o gigante do ar — ainda não foi encontrado.

Uma cerimonia imponente em Hué



O imperador d'Annam — Nam Gion — presidiu no dia 16 de março pela primeira vez, á celebração do «sacrifício trienal». O cortejo, organizado para acompanhar o joven imperador, foi imponente. Dois grandes elefantes, abriam o desfile. Seguiu-se a cadeia, rodeada de ventarolas, onde ía Nam Gion. Foi uma cerimonia deslumbrante.

Os autobus da Exposição de Chicago



PARA facilitar a visita á Exposição de Chicago, uma empresa acaba de inaugurar carreiras de autobus monstros. Podem transportar, sentadas, de forma a admirar os edificios, noventa e seis pessoas.

A viuva de Doumer



A viuva de Doumer — o presidente assassinado por um russo — acaba de falecer. Quatro filhos lhe morreram na guerra e o marido tombou também quando servia a França: ocupando o alto cargo de chefe do Estado. A imprensa francesa, relatando a sua morte, apontava madame Doumer como modelo das esposas e das mães. A sua coragem estoica sucumbiu. Uma grave enfermidade vitimou-a em poucos mezes.

A política no país visinho



ASPECTO que oferecia a praça de touros de Bilbáu durante o comício monstro que ali organizou a «coligação governamental». No primeiro plano o chefe do govêrno e os ministros das obras públicas e da agricultura, agradecem as aclamações do público.

A Alemanha e Hitler



APós a inauguração do novo Reichstag, o marechal Hindenburg apertou efusivamente a mão do chanceler Hitler. Em seguida, a multidão que rodeava o edificio, aclamou o velho presidente e saiu, com o braço direito estendido, o homem a quem hoje está entregue o destino da Alemanha.

Duque de Abruzzos



Faleceu o duque de Abruzzos. Era filho do rei de Espanha, Amadeu I, e nasceu no Palácio do Oriente, em Madrid, em janeiro de 1873, nas vésperas da abdicação de seu pai, ao trono espanhol. O seu nome era Luiz Amadeu de Saboia, príncipe real de nascimento. Dedicou a sua vida a explorações científicas e durante a guerra combateu na frente italiana.

«Récord» de velocidade



O «récord» de velocidade em avião, foi alcançado pelo aviador italiano Francesco Agello, no lago Garda. O percurso feito, tinha a base triangular de três quilómetros. As velocidades obtidas em cada passagem foram as seguintes: 678 quilómetros, 682, 692 e 676, o que deu uma média oficial de 682,402 por hora.

Excentricidades



Dois habitantes de Nuremberg, andam percorrendo a Alemanha, dormindo numa bola de ferro, que fazem rodar pelas estradas. A alturas tantas, quando estão cansados, param e metem-se dentro. Dormem e depois continuam o seu caminho... O frete de puxar pelo «quarto-redondo» não é invejável... Há cada um, ou por outra, há cada dois!

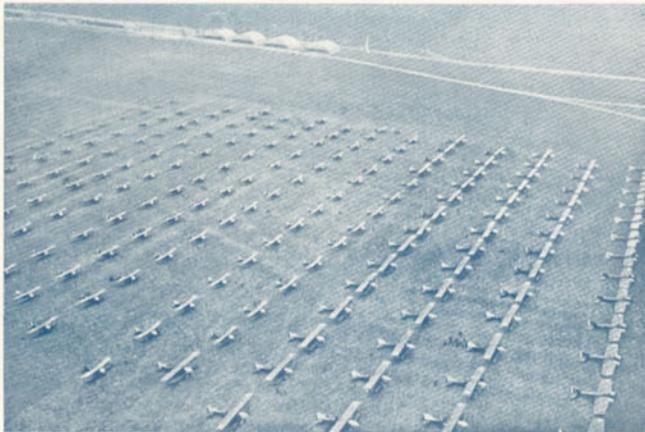
PELO MUNDO FÓRA

A perseguição aos judeus na Alemanha



A' porta dum estabelecimento de Berlim, propriedade de comerciantes israelitas, os «nazis» colocaram um cartaz, onde se lia: «Defendi-vos, alemães, não comprem nada aos judeus!» Além disso, a loja esteve guardada pelos hitlerianos, para que ninguém lá entrasse a comprar...

Uma demonstração aerea de 200 aviões



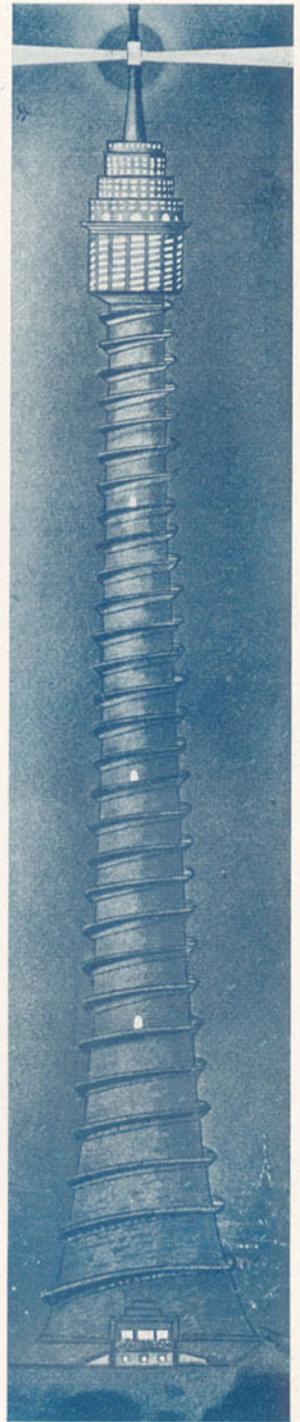
Na região de Metz — «Frescaty» fez-se uma demonstração aerea de 200 aviões. Na gravura podem contar-se 172 aparelhos. A aviação francesa tem projectado um raid de cem aviões. Para isso, fez essa parada de vinte esquadrilhas, que reuniu em Metz, cerca de cem mil espectadores.

O julgamento dos engenheiros ingleses em Moscovo



Seis engenheiros ingleses da casa «Metropolitana Vickers» e onze russos, foram acusados de espionagem e de cometer actos de «sabotage». O julgamento, que durou uma semana, foi o assunto de todas as conversas em todo o mundo. O rei Jorge V era informado, hora a hora, do que se passava nas audiências.

O «Farol do mundo»



Vai começar em Paris a construção dum formidável farol. Terá 700 metros de altura, cem de base e vinte e cinco de diametro no tópo. O acesso, far-se-há por uma rampa, que corre exteriormente, e que terá cinco quilómetros. Haverá automóveis especiais para a ascensão. A garage, situada na base, poderá albergar 600 carros. O hotel, situado no tópo, será para 2.000 hospedes. O custo do farol está orçado entre 40 a 50 milhões de francos. Por cima do hotel, no «sommets», funcionará um posto de telegrafia sem fios e uma cabine meteorológica. O «Farol do mundo» será, como na Exposição de 1900 o foi a «Torre Eiffel», o grande atrativo da Exposição de 1937.



à pesca

A montra da confeitaria estava um encanto. Havia doces e pudins de todos os feitios e alguns até duma requintada fantasia. Um sujeito de idade, entrou no estabelecimento e dirigiu-se ao balcão. O caixairo muito amável, perguntou-lhe:

— Que deseja?
— Quería um doce.
— De chocolate? De natas? De fruta?...

Mas o sujeito de idade não respondia e ia passando em revista os doces que estavam alinhados na "vitrine". A sua atenção fixou-se numa torta, que tinha no tampo umas rosas feitas de creme a cobrirem um encanastrado de pistacho.

— Que pena ter estas rosas — disse o sujeito de idade. Gostava mais que tivesse uma letra.

— Isso é fácil de arranjar.
— Se fôsse possível um V. Eu chamo-me Vicente.

— Pois esteja V. Ex.^a descansado que se substituem as flôres, pela letra que deseja. Daquí a meia-hora está pronto.

O sujeito de idade safu da loja e a torta passou ás mãos de mestre confeitiro.

Decorridos os trinta minutos, o sujeito de idade apresentou-se novamente e o caixairo mostrou-lhe a torta transformada.

— Pronto.
— Ai, que contrariedade. Puzeram um B, quando eu tinha dito um V. O meu nome é Vicente.

— Não faz mal, declarou logo o caixairo, para não perder o freguês, muda-se o B para V. É uma questão de meia-hora.

— Está bem, espero — disse o sujeito de idade. E sentou-se a ler um jornal.

Antes que tivesse decorrido o tempo fixado já a substituição estava feita e o tampo da torta ostentava um magnifico V, duma estupenda caligrafia.

— Está muito lindo — balbuciou enlevado o freguês.

Então o caixairo, colocou a torta num prato de cartão e ia para embrulhar quando o sujeito de idade o conteve com um gesto:

— Não se incomode. É para comer aqui mesmo.

— E magoaste-te muito quando caíste do andaime?

— Ao cair, não. O que me fez mal, foi parar de repente quando cheguei ao chão.

O médico, despedindo-se da viuva, depois do falecimento do espôso:

— Se nalguma coisa mais lhe puder ser agradável, V. Ex.^a manda.

Dois amigos encontram-se no Rossio. Um dêles leva umas botas velhíssimas.

— Tu não tens vergonha de andar com as botas nêsse estado?

— Não vês, que a minha mulher jurou que não safa comigo à rua enquanto eu não comprasse outras...

A primeira consulta daquele médico custava cem mil réis e as seguintes vinte.

Um judeu, vai consultá-lo e, para economizar, diz ao doutor:

— Aqui estão vinte mil réis, eu sou o doente de ontem.

O médico recebeu o dinheiro e, sem pestanejar, declarou:

— Continue com o tratamento que ontem lhe receitei.

No escritório de um banco:

O gerente — Do que nós precisamos é

de um homem que não se venda a ninguém.

O pretendente — É uma questão de preço.

— O que é que você faria, desgraçado, se todos os homens tivessem de viver do suor do seu rosto?

— Vendia lenços.

O Lopes, de volta da América dizia a um amigo:

— Como sabes, eu gosto imenso de dormir com a janela aberta. Pois em Nova-York via-me obrigado a fechá-la.

— Porquê?

— Porque vivia num quinquagésimo andar e quando a janela estava aberta entravam-me as nuvens pelo quarto dentro.

A um grupo de amigos, que visitava o manicómio, disse o guia:

— Vejam aquele maluquinho, anda todo o dia dum lado para outro, com aquele carrinho de mão, mas leva-o sempre de pernas para o ar.

Um dos visitantes aproxima-se do maluco e disse-lhe:

— Olha que o carrinho não se deve levar assim. Está ao contrário.

— Bem sei, retorquiu o louco, mas há dias quando o puz a direito, encheram-no de pedras.

Numa «soirée» familiar.

Um convidado dirigindo-se a um sujeito que está muito aborrecido:

— Isto de «soirées» familiares é uma grande massada. Eu vou-me embora. Quere vir comigo?

— Quem me dêra, mas não posso. Sou o dono da casa.

Como é que vocês podem ser irmãos de leite, se um nasceu no Brasil e o outro em Portugal?

— É que fomos ambos creados com leite condensado.

O pescador — Lino Ferreira.

A 22.^a reunião do Instituto Colonial Internacional

CONSTITUIU um acontecimento de relêvo a 22.^a reunião do Instituto Colonial Internacional. A sessão inaugural realizou-se na Sala do Senado Assistiram, como representantes de Portugal, os srs. ministro das colónias, na dupla qualidade de membro do governo e do Instituto, conde de Penha Garcia, presidente do Instituto Colonial Internacional; Ernesto de Vilhena, engenheiro Bacelar Bebiano, drs. Fernando Emídio da Silva, Augusto de Vasconcelos, Alberto de Oliveira, Rui Ulrich, Armando Cortesão, Luís Carriço, José de Almada, Melo Geraldes, José de Penha Garcia, Carneiro Pacheco, brigadeiro João de Almeida, coroneis Vicente Ferreira, Lopes Galvão, Lisboa de Lima e Roma Machado; comandante Alvaro Machado e Henrique Monteiro de Mendonça.

Dos estrangeiros estavam presentes: pela Bélgica, coronel Bertrand, Henri Castou, E. de Jonghe, Paul Fontainas, Louis Franck, Gaston Perrier, Henri Rolin, Herbert Speyer, R. P. Charles, Rijckjmans; pela França, Blanchard de La Brosse, G. Julien, Le Neveu, Moncharville, Sambuc, H. Soluz, Paul de Valroger, Du Vivier de Streel, conde de Warren, Ivon e Gourden; pela Inglaterra, «Sir» Robert Williams, dr. Newton Rhodes, J. Coatman, e Basil Williams e «miss» Meyer; pela Itália, E. Catellani, G. Mondaini,



Aspecto geral do Senado durante a sessão inaugural da 22.^a reunião do Instituto Colonial Internacional



A assistência ao banquete oferecido pelos membros portugueses do Instituto Colonial Internacional aos seus colegas estrangeiros



Alguns dos membros do Instituto Colonial Internacional à entrada do Parlamento, antes duma das sessões de trabalho

Príncipe de Scalea e Corrado Zoli, e pela Holanda, dr. Moresco.

Presidiu o sr. conde de Penha Garcia, que tinha à sua direita o sr. ministro das colónias e à esquerda o sr. Lovers, secretário geral do Instituto Colonial Internacional. Depois de declarar aberta a sessão, proferiu as seguintes palavras: «Tenho o grandíssimo privilégio de ter a honra de presidir a xxii Sessão do Instituto Colonial Internacional.

Declarando aberta a nova reunião de Lisboa, desejo agradecer mais uma vez aos nossos colegas que me elegerem presidente na ocasião da nossa sessão em Paris.

Dirigo aos que puderam vir a Lisboa as minhas saudações de boas-vindas e agradeço, em nome dos meus colegas portugueses, o esforço que eles fizeram, para nos dar o grande prazer de os receber.»

Usou em seguida da palavra o sr. dr. Armindo Monteiro, ministro das colónias, que pronunciou um notável discurso. A imprensa diária deu-lhe o merecido relêvo e disse que foi uma oração eloqüente e um fundamentado grito de patriotismo e ao mesmo tempo uma admirável lição de professor.

Os membros do Instituto foram depois recebidos pelo Chefe do Estado.

QUEM, alguma vez, percorreu os Baixos Pirinéus certamente notou, além das belezas panorâmicas, que diferentes apelidos de sonância lusitana adornam várias taboletas da aprazível região.

Quem mesmo, mais demoradamente, tenha estacionado, nas suas fragosas serras ou pitorescos recantos, haverá lido no dístico dourado de fulgentes vilas denominações de puro portuguesismo. Os Silvas, FONSECAS, LOPES, CARDOSOS e MENDES não fazem mingua por essas paragens. Portugueses? Sim. Descendentes de remotos portugueses e alguns hoje ainda portugueses.

Em Baiona, especialmente, não será difícil dar por tal e encontrar mesmo quem em lojas fale um pouco, compreensivelmente, o nosso idioma. Nas eras em que o teatro dava "a voz de sangue," como coisa dogmática, tal facto seria mais um argumento a favor de certas teorias que passaram já de moda, perante a evidência brutal das circunstâncias.

Ali, há muitos descendentes dos descendentes que no século XV, expulsos os judeus de Portugal, se refugiaram lá, com vantagens e satisfação dos franceses (dos bascos, como êles rigorosamente gostam de ser tratados) que viram bem a utilidade imediata e futura em os albergar. Outros foram mais longe e levaram para a Holanda o seu saber de relojoaria, em talhar pedras preciosas e fazer êsses esmaltes, de que entre nós se perdeu a factura e o azulado colorido. Em Amsterdam ainda anos atrás se exteriorizava a influência de antigos portugueses.

Mas, sem me afastar dos Pirinéus: de Cambo, essa linda e terna terreola, espreguiçando-se entre montanhas — que o médico Grancher, por uso próprio, celebrou para os tratamentos de repouso e anemia; Edmond de Rostand — aproveitou e lá cultivou os versos e construiu um palacete (hoje dum rei do aço) tão belo e magnífico como os seus Poemas; o rei Eduardo — marcou para o *five o'clock tea* dos ingleses e americanos que *faziam* Biarritz nos tempos quietos e aureos: — lá, uma *vila* d'um português e, ao longo das suas aleas e dos jardins particulares, uma árvore, classificada regionalmente como "Loureiro de Portugal", abundantemente brilha, num verde que relembra as nossas primaveris paisagens...

Constantino de Sampaio e Melo, a cuja memória dedicaram o jardim público do bairro Estefânia, que emigrara bem novo para Itália, donde, depois de se ter aprimorado na factura de flôres artificiais, seguiu para Paris, conquistou as boas graças de Napoleão, fêz grande fortuna e deixou uma pitoresca vivenda, que eu vi, em S. Jean de Pied-de-Port.

Em Pau, a casa Cadaval mantém os seus domínios. Em Eaux-Bonnes, um hotelsito se anuncia dirigido por M. Portugal, nome que, aliás, a muitos bascos de apelido serve.

Em Biarritz, o saudoso José Leitão, que Lisboa artística conheceu pelo seu fino e requintado gosto e arte de joalharia, (aumentado pelos seus distintos continuadores), construiu três vilas elegantes, uma delas com um telhado e *um ar* à portuguesa e que gabada era.

E estas divagações enumerativas servirão de entroito a um passeio que durante um temporada de Pirinéus fiz (1923) a Bordeus, em companhia e por convite de um simpático amigo basco, que se consagrava ao estudo de antiguidades.

— Vamos a Bordeus — disse-me êle — e verã o camartelo da chamada civilização começando a destruir o "Cemitério da Nação Portuguesa".

Nessa ocasião, achava-me a duas horas e meia da terra que o Gironde fertiliza e enriquece e seria imperdoável indiferença lá não ir, tanto mais que o caso tentava.

*
*
*

Efectivamente, Bordeus começava a demolir (hoje já terminada acção) um cemitério do século XVIII para aumentar e apropriar às necessidades modernas o

(principalmente nos Pirinéus) e outros na Holanda, como acima referi.

Bordeus «acolheu (e tudo que entre comas o leitor veja são palavras textuais ou de bocas ou de informes franceses) de braços abertos, êsses traficantes, êsses letrados, êsses habeis médicos, que contribuiram poderosamente para augmentar a prosperidade da sua cidade de adopção».

Por seu lado, o governo do soberano, apreciando e consciente do poderoso elemento de riqueza comercial e intelectual que êles lhe traziam, concedeu-lhes privilégios especiais. E como tôdos êles ti-

Breve do antigo dos israelitas na cidade



O celebre quadro de Buchel representando «O Judeu» da peça «O mercador de Veneza» de Shakespeare

quartel do regimento 58.º de artilharia — militares que foram heróis no *front*.

Reputando que haja quem se interesse pelo assunto, embora retrospectivo, mas que, por variadas faces que se veja, tem valor e razões a deduzir e quiçã a aplicar, aqui deixo, ao sabor do acaso, algumas das notas que do canhenho tirarei.

Na Idade Média, os judeus bordeleses tinham um bairro fóra da cidade, com um pequeno cemitério. No começo do século XIII conseguiram fixar-se também no centro. Misturados com a população, submetidos a tôdas as fórmãs exteriores da religião católica, fundiram-se com essa população. Dêles apenas hoje resta a lembrança.

No fim do século XV, Bordeus recebeu uma nova invasão judaica. Expulsos de Espanha, os judeus passaram para Portugal donde, como se sabe e a história resa, não tardaram também a ser expulsos juntamente com os seus correligionários do nosso país. Judeus espanhóis e portugueses se refugiaram, então, uns em França

nham ido de Portugal (e já nêsse tempo os franceses pouca atenção prestavam a descrever as situações geográficas), atribuíram-lhes, distinctamente, nem mesmo procurando um termo que os abrangesse sem os miscellanisar, a nacionalidade portuguesa e até meados, do século XVIII não foi dada à sua comunidade "outra designação fóra de Nação portuguesa ou novos *christãos*", pois, como outr'ora, eram obrigados a obedecer a todas as práticas externas do catolicismo. O clero católico assistia aos seus enterros e eram sepultados nos cemitérios das casas religiosas, ás quais alugavam um terreno para nêle pôrem os despojos mortais "dos da sua Nação".

*
*
*

O principal, ou antes, o único cemitério judaico de Bordeus, até aos meados do século XVIII estava encravado no antigo convento dos Franciscanos, que fóra bento em 1228. A parte da necropole reservada aos "*Messieurs de la Nation Por-*

história cemitério portugueses de Bordeus

tugaise, ou aos "*Messieurs les Portugais*", ocupava o ângulo da actual rua de S. Francisco, como indica M. Cîrot na in-

teressante obra que publicou a este respeito e que bem merece da minha parte o registo público de um verdadeiro agradecimento

pela gentileza erúditas com que me fez visitar todo esse Bordeus do passado, que igual encanto em mim despertou ao da *Lisbôa antiga* do visconde de Castilho (Júlio).

Por 1711, desaparecera o costume de enterrar os judeus com o mesmo cerimonial de que os católicos. O clero bordelês absteve-se então de tomar parte

jardim estava transformado em cemitério e cedido pelo comprador à *Comunidade da Nação Portuguesa*. Ali houve enterramentos judaicos até 1878. Como então êle estivesse sem palmo de terra desocupado, a comunidade comprou por 11:000 libras um campo perto da porta dos Capuchinos. Ali é o actual e grande cemitério israelita, cuja entrada se faz pelo n.º 176 da rua d'Espagne.

*
*
*

Completamente abandonado—os mortos esquecem depressa e também quasi todos os vivos... — visitado de longe em longe apenas por algum, raro, pesquisador do passado, o cemitério da *cours Saint-Jean*, estava abandonado, perdido no meio de casas que bordam dois caminhos que por elas passam. Essas ruínas no meio das modernidades não agrada-



A figura de «Shylock» de «O mercador de Veneça» de Shakespeare no quadro do inclito pintor Gilbert

nos enterramentos, que no entanto deviam "efectuar-se depois do sol posto". Pouco depois, esta obrigação desapareceu igualmente. Ao mesmo tempo, os títulos de "Nação Portuguesa", "Nação judia" ou simplesmente "Nação" lhes foram indiferentemente aplicados. O exercício da sua religião foi-lhes consentido, como absolutamente livre. Houve sete sinagogas.

Em 1722, cessou o enterramento dos israelitas naquele cemitério e, após, durante alguns anos foram sepultados em diversas casas religiosas, que ocupavam bairros, onde hoje estão o Palácio de Justiça, Gendarmerie, telégrafos, etc.

Tal era a situação dos judeus — e a matéria não é tão desprovida de interesse como à primeira vista parecerá, tanto mais que ela está agora na permanente ordem do dia — e dos seus mortos, quando em novembro de 1724 um dos mais ricos israelitas comprou por 6:300 libras um jardim rodeado de muralhas, situado perto da paróquia de Santa Cruz, hoje *cours Saint Jean*. Passados quatro anos esse

vam: há doze anos quiseram cedê-lo á cidade para ali se construir um mercado. As evoluções da vida! Depois a administração departamental adquiriu uns terrenos e imóveis e pôs á disposição do ministério da guerra tudo isso para ali se construir o quartel do regimento do 58.º de artilharia. O velho cemitério israelita era contíguo ao quartel e o Ministério da Guerra, desejando aumentar as suas dependências, obteve a expropriação por utilidade publica de todo esse terreno. O consistorio israelita não se opôs. O último cemitério da *Nação Portuguesa* desapareceu. As ossadas foram transportadas, com um piedoso cuidado, para o cemitério israelita da *cours d'Espagne*.

*
*
*

Como Bordéus se aformoseava a olhos vistos e procurava por todos os meios servir de ponto de partida e chamar gente, e dar-lhe o que modernamente se julga indispensável para tal fim, dentro de

poucos meses aquele local se apresentou por completo transformado devido á varinha mágica da architectura.

Monsieur Louis Léon, que tão estimado e conhecido era na cidade do Gironde, não só pela sua fortuna como também pelos seus méritos, mostrando-me esse cantinho esquecido depois de perto de século e meio, e no qual eu me julguei transportado a um país longínquo, fez-me notar que nos túmulos havia gravados alguns nomes que provavelmente eram de portugueses.

A maior parte dos túmulos, cujas lages estavam á flôr da terra, desapareciam no meio das ervas que como em charneca, á vontade, haviam crescido braviamente! Havia alguns anos que eram monumentos construídos por espécies de dolmans, sustentados por balaústres Louis XV, outros, em forma de prismas triangulares, repousavam sobre os despojos dos rabinos e tantos outros tão modestos! E em tôdas essas pedras se distinguiam inscrições estranhas: emblemas, a estrêla simbólica, hieroglifos gravados, brazões, etc. O hebreu, o espanhol e o português nelas recordavam a lembrança dos Peixotos, dos viscondes de Menezes, dos Dias, dos Rodrigues Peireiras, dos Gomes Henriques, dos da Costa, dos médicos Lopes, Silva e Samuel da Fonseca, do rabino José Falcão, que era (ao que já encontrei referido em velhos alfarrabios) bis-avô da famigerada cantora Cornelia Falcão, etc.

Aos curiosos e investigadores do passado, e entre nós alguns há sabedores e penetrantes no descortinar do que êle pode acrescer ao nosso lugar glorioso na história antiga, relembro e ofereço estas meras impressões duma visita a um recanto, que desapareceu! E se esta simples indicação pode ser como que o início e servir a outrem para subsídio mais competente para aquêle fim, os meus desejos terão a merecida recompensa e apenas essa desejo.

Recordo-me que á saída, — com a gentileza e com aquêle respeito pelas pessoas e coisas, que é o apanagio dos homens de intelligência verdadeira e de educação que desiguallisa a selvageria, — o meu ilústre interlocutor me disse: "o sitio mudará de aspecto, mas conservar-se-há nos locais apropriados tudo o que é obrigação e dever ser conservado! Nada será perdido também do que restar daquêles que "*usaram êsses nomes, nos quais luz e canta o sol doutros montes.*" Assim aconteceu.

E escrevendo estas linhas, ao meu espirito acode, como sintetisando e comentando tôdas as impressões de então e que não fôram fugidias, o célebre verso do grande poeta italiano:

Nulla è più dolce e triste delle cose lontane

Que afinal, infelizmente, as coisas fogem com vertigem para o passado, sem se demorarem no presente!... É, por isso, que recordar é doce, reconfortante e consolador. Para quem o seja!

José Parreira



“Durante as refeições revive-se o ambiente oriental,”

CONHEÇO, desde criança, os ciganos, essa gente estranha e vagabunda, que vive em seus acampamentos volantes, promiscuamente com macacos acrobáticos, ursos bailarinos e mulheres de trajos exóticos, corpos gráteis, de arbusto, e olhos estranhos, de outros mundos.

Li, depois, que o povo de que nasceu Cristo, era assim uma gente errante, grandes famílias de pastores, descendentes do velho Patriarca que as chefiava, acampando aqui e além, com as manadas de seus gados. Mas nos tais ciganos não vi mais do que tribus de uma raça de cabotinos, arrastando pela eterna sarça deste mundo, o seu fatalismo indolente e orgulhoso como o sol.

Foi-me preciso vêr, com os meus próprios olhos, êsse acampamento de polacos, ali, ao Arieiro, para nêle reconhecer um reflexo nobre, do que foi o povo de Jesus.

A uma margem da cidade nova, arejada de sol, três barracas grandes, três lares voláteis, que o vento irmão agitava num palpitar de asas repousadas, abrindo três famílias, tôda a tribu fiel ao Patriarca Kwik, o rei daquele povo minúsculo e errante, o Adão daquele pe-



Maria, uma expressão bem humana

queno mundo sem destino, delimitado agora por uma palissada fruste, de estacas velhas e arame colhido ao acaso.

Eis os seus domínios, hoje, a sua pátria incerta, presentemente vassala de Portugal, amanhã de França ou Aragança, preocupada apenas com a luta pela vida, que encontra por tôda a parte, como se ela não bastasse às pequenas como às grandes potências; — país ambulante, de uns vinte metros de largo, que ditaria a paz universal à Sociedade das Nações. Porque, na verdade: são êles polacos ou outros?

Há mais de vinte anos que partiram da Polónia, portanto ainda sob o jugo estrangeiro — vaguearam, exercendo o seu mister de caldeireiros, através a vária Alemanha, desceram pelo sul da França até ao norte da Itália, fugindo sempre á garra adunca da miséria, e encontrando por vezes um vago sorriso da Fortuna, desmembrando-se de alguns filhos que correram outros destinos.

Hoje, um é milionário nos Estados-Unidos, enquanto outro arrasta a sua agrura e a sua família, por terras alemãs. E com terceiros que, fieis, lhe engrossaram a tribu com as suas descendências, o Patriarca Kwik viu descendo sempre a Europa em busca do sol meridional, o seu grande conforto, e veio á Portugal, onde por acaso já esteve, e lhe nasceu a última filha, a Rosa, ainda solteira, e lhe sucedeu mais, sabe lá êle o quê!...

El-lo, pois, de novo acampado com a sua gente em piso lusitano, nos arredores da capital.

Pela manhã, que é a mesma em todo o mundo, despertam com os outros para o trabalho, os homens deste povo minúsculo e nômade.

Levantam-se umas nésgas das barracas, que servem de portas, saiem as mulheres, e não é pelo vaso cinzelado que trazem, mas pelo jeito patricio de o colocarem na ilharga, e na leveza gentil com que o levam á fonte, que logo se distingue nelas a linha de uma raça nobre.

Porque não é que os Kwiks sejam uns pobres de Cristo, bivacando ao ar livre! Tomaram muitos, que vivem em casas sólidamente argamassadas, permitirem-se ao luxo confortante e policromado das tapeçarias que revestem o interior das suas barracas...

As enxergas — a que melhor poderiam chamar édreões — entre as quais dormem meio-vestidos, são empolados colchões de penas, que se acumulam a um canto, após a alvorada.

Brazas dispersas sobre uma salamandra, como fogo-votivo naquele lar frágil, exalam na sua luz de velário um bafo morno, em que a presença orientalista dos tapetes nos transporta com o aspecto da aquela gente, não sei para

UMA TRIBU DE POLACOS ACAMPOU EM LISBOA

que regiões asiáticas, para que estranhas creanças arábicas.

Porém, da tapeçaria posta ao alto, suspendem-se oleografias de piedade cristã.

Entretanto, é a hora de se preparar o Samovar — o utensílio doméstico por excelência, quasi sagrado entre as raças eslavas. Vem a ser uma peça de níquel, de meio metro de altura, tôda lavores de joalheiro, e consmendo de formalha, caldeira e estufa, sôbre o qual se coloca o bule, com o chá em infusão concentrada.

Na barraca do velho Kwik, que já se encontra fóra, com as suas barbas patriarcais e a bota alta, é a Rosa, a nossa conterrânea, pelo nascimento, quem prepara o precioso utensílio, tôda ela flexibilidade de junco e gestos, que sacode êste orgulho a que não escapou, por ter visto a luz em país meridional.

Sua mãe acocora-se a meio da tenda, numa atitude de esfinge nômade, fumando pa-chorrotamente, enquanto conserva ao colo um neto pequenino.

A nôra, que habita com ela, acaba de chegar das compras, sobraçando um cesto. É uma mulher de aspecto mongólico, que contrasta com o marido, tipo de rapaz que se confunde com o nosso.

Nesta barraca, está pendurada uma balaláica, a triangular guitarra russa; e damos ainda com um gramofone, indício para êles, de civilização.

As mais preciosas raparigas da tribu, moram na tenda ao lado, são as filhas de Kwik Worz (o nome vindo depois do apelido, tal como me mostrou impresso num cartão de visita, dando como morada: o Arieiro, Lisboa).

É também um tipo de homem sem diferença do nosso, até no ar janota com que veste.

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda



Ela, a mansidão em pronuncia um grupo familiar...

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

Sua mulher é que deveria ter sido uma linda

moça da sua casta. Bem lho atestam as filhas e, mesmo o filho, um interessante rapazinho, de uns dez anos, a quem a mãe vem de passar a onça para que êle faça peritamente o cigarro que acende no dela.

Nesta barraca, é Aida, a primogénita, quem prepara o Samovar, antes espantando o lume á porta, originando uma obra de Arte, com os tons do ambiente, a presença do fogo, a delicadeza da atitude com que se agacha á espera, e toda a modelação da sua linha eslava.

Sua irmã, Ana, poucos anos mais nova, é a beleza fidalga da tribu — fidalga quando a fidalguia era tocada de uma vaga união mística. Porque ela, a nômade polaca, tem na pureza do seu recorte aristocrata, não sei que auréola de santa.

Mas não são só as suas atitudes, mas sim as de tôdas as raparigas da tribu, que têm sempre uma espontaneidade de requinte nobre, de raça.

Na terceira tenda, a do Kwik mais pobre que vive à parte do Patriarca, há sua mulher, mais nova e com as mesmas características da mãe do lado, com os seus filhos pequeninos, e Maria, a mais velha, por certo mais jovem do que Ana, sua prima, mas com o mesmo delineamento de alta aristocracia, talvez mais vincado, mais duro, e com uma expressão, se mais humana, por isso mesmo, mais forte.

A primeira refeição a que assisto no acampamento, com as famílias em volta da mesa, ou tão só, do Samovar, consta de chá, que se toma em copos com uma rodela de fruto, e se faz acompanhar de pão com marmelada, queijinhos frescos e manteiga.

Então, nas atitudes acocoradas em volta da grande peça de níquel, que reluz com os seus lavores sôbre as manchas recuadas dos tapetes, concentra-se o ambiente asiático, que vive nas expressões daquela gente. E os seus repastos são sempre assim frugais, sendo o seu maior consumo o chá, como entre a nossa raça, o pão.

Depois, as mulheres repousam como sultanas, fumam com ares de sonho, ou divertem os pequeninos. Por exemplo, Ana, com gesto subtil de quem teme magoar as asas da borboleta que caçou algures, agita uma creança, que tem sobre os joelhos, pendularmente, gracilmente, diante dos seus olhos encantados.

Aida, a mansidão em pessoa, ainda menina e moça, compõe outro grupo familiar com os demais pequenos.

Lá fóra, os homens trabalham duramente, martelando o metal; ouve-se o bafar da pequena forja. Saio a vêr os trabalhos; algumas marmittas grandes, já completas, brilham ao sol.



Aida, preparando o Samovar, origina uma obra de arte...

É numa alta, para descanso e refeição, que êles improvisam junto da mesa — tabernáculo do Samovar, uma das suas festividades caseiras. Um dos polacos dedilha as cordas da balaláica, o instrumento da raça; os restantes batem as palmas ao compasso — Ana dança, e ela própria, que apenas passou pelos ombros um manto de festa, é como que uma visão que nasce da melodia.

A um canto, Maria, pensa — pensa sempre, e parece-nos a incarnação de um pensamento enamorado. No entanto, há que se divertir o pequeno povo pacífico, laborioso e vagabundo.

Naquela tarde, Rosa leu-me a sina, com a convicção dramática dos seus ares magnéticos de gitana.

Muita gente accorre ali, para que ela e as outras lhe ditem os sinais do porvir. Contudo Rosa, que sabe tão bem o meu futuro — que sou e virei a ser feliz — ignora, quando amanhã aqui escassear o trabalho dos seus, para onde emigrarão as asas do seu lar!

Aleixo Ribeiro.

(Fotos de Francisco de Oliveira)



Ana, a beleza fidalga da tribu



O Patriarca em sua família



S. Paulo — Edifício Martinelli

RAZÃO tem o prospero Estado de São Paulo para usar como divisa, a orgulhosa legenda que ostenta no seu escudo: «Non ducor, duco.»

Pelo valor da sua gente, pela grandeza do seu sólo, pelas suas fidalgas tradições, pelo que contribuiu para o alargamento do território brasileiro, São Paulo, mantendo uma linha de nobreza inquebrantável, pôde bem com a arrogancia dessa divisa que lhe está a propósito e lhe serve de estímulo.

O que São Paulo representa no Brasil, como o que foi nos períodos acidentados da colonização, o papel preponderante da sua gente, como a obra titanica



S. Paulo — Vista parcial

dos seus bandeirantes inefemeratos, são motivo para a maxima ufania pelo lustre que déram á Historia, pela grandeza que constituíram obreiros.

O caracter de independencia, oriundo do perfeito conhecimento do valor próprio e que fazia, já em 1697, Pedro Camargo dizer para o então Capitão General do Rio de Janeiro, Artur de Sá e Meneses, que «era escusada a sua ida a São Paulo, porque os paulistas sabiam muito bem governar-se», é uma das notas predominantes do feito da gente, e a rasão de ser de todo o progresso, cada vez mais esplendoroso, da antiga Piratininga.

Mal sabiam de certo os treze religiosos que fundaram o Colégio de São Paulo, que o actual Palácio do Governo mal nos faz lembrar, pela feição nova e opulenta que o progresso lhe imprimiu, bem diferente por certo da humildade ascética da sua primitiva arquitectura, a importância

da sua obra de piedade e os fins que iria ter, assinalando para sempre a célebre data de 25 de Janeiro de 1554.

E em 1560, Mem de Sá, nome que o Brasil guarda com veneração, creando a vila de São Paulo de Piratininga e impondo calma ao génio irrequieto e bravo do grande Ramalho e seus asséclas, consolidava a obra desses piedosos discipulos de Santo Inácio de Loíola.

São Paulo pertencia primitivamente á Capitania de São Vicente, que hoje em suas velharias mal lembra a obra soberba de Martim Afonso de Souza e a glória imensa que o heroico feito de Março de 1560 assignalou com a expulsão dos francêses de Villegaignon.

TERRAS DE SANTA CRUZ A CIDADE DE SÃO PAULO grande exemplo da riqueza pelo trabalho

Hoje São Vicente deve vassalagem a São Paulo.

Ao espirito conciliador de dois abnegados jesuitas, cujo nome se perpetuou Nobrega e Anchieta — se devem então as treguas nas lutas, cujas consequências tão funestas poderiam ter sido, entre portuguezes e tamoios.

A defesa constante contra a cubiça dos estrangeiros impunha severidades e nelas se haviam briosamente, aqueles



S. Paulo — Parque Anhangabaú

que tinham por missão chefiar e orientar os colonos e os sélvicos já adaptados ás novas exigencias da civilização que lhe levaram os representantes dos senhores reis do longinquo povo Lusitano.

Assim, na luta incessante com a terra na plena pujança do seu esplendor selvagem, contra o perigo obediente de todas as horas, se retemperaram os animos e o espirito de aventura se encorajava e a indomita bravura se fortalecia. Logo um novo periodo da história colonial se inicia com as bandeiras, que rasgam florestas virgens, descobrem novos rios, apossam-se de povoações que ligam entre si e onde deixam com a cruz, a semente de uma nova civilização, procurando, numa insaciavel e pertinaz ambição, o filho de riquêsas maravilhosas, lendárias que o sólo aváro guardava e ferósmente defendia. . .

E aí vão á aventura, bandeiras e entradas, chefiadas por capitães intrépidos, em cujos olhos se podia ler uma vontade que nenhum perigo a enfraqueceria, uma

SANTA CRUZ A CIDADE DE SÃO PAULO riqueza pelo trabalho

fé inquebrantável, essa fé que é a maior força condutora de homens, rompendo o emaranhado satânico das florestas, povoadas por mil pavores, como desafiando Lohengrins de sonho, e distribuindo por todo este Brasil os caminhos que seriam por fim, as veias palpitanτες por onde correria o sangue generoso que é a sua riqueza.

Mas de todo este passado, quem se poderá recordar hoje ao visitar a encan-



S. Paulo — Teatro Municipal

tadora capital, por onde passou uma lufada de progresso, que os paulistas souberam transformar em pouco tempo num dos mais ricos, mesmo o mais rico, Estado da União?

O paulista é, por índole, trabalhador e progressista. O próprio clima lhe estimula a actividade. Menos interessado, talvez, que os seus compatriotas dos outros Estados, na politica, dedica-se afanosamente ás realizações mais arrojadas, caminhando a par dos povos mais civilizados, dando mesmo uma nobre lição de actividade bem orientada, que surge orgulhosa na grandiosidade dos arranha-céus, na amplitude das suas praças maravilhosas, na graça delicada, poética, dos seus bairros elegantes, que logo traduzem o saber viver da fidalga gente paulista, que respeita os brasões dos seus velhos e nobres ascendentes, sem, todavia, permitir que lhe embarguem o passo na caminhada do progresso.

São Paulo é o índice de todo o pro-

gresso do Brasil e o paulista tem a perfeita consciência de que assim é, e por isso mesmo se empenhou numa luta em que só aparentemente ficou vencido.

Mas o trabalho material febril, a que deve a sua riqueza, assim como a sua actividade agrícola, não tolhe a ansia do paulista de cultivar o seu espirito e assim é que, São Paulo conta o escol dos literatos e poetas brasileiros, cujas edições cuidadas são já por si uma afirmação de bom gosto e de cultas predilecções, conta artistas admiráveis, tanto nas artes rítmicas como nas artes plásticas, e ali são recebidos e acarinhados todos os bons artistas, como todos os bons intelectuais.

A fidalga maneira de receber do paulista, é também uma das características da sua educação. O carioca ou o natural dos outros Estados, principalmente para o norte, é exuberante na sua franqueza. A sua porta está sempre aberta para o de fóra, de quem não interessa saber de onde vem ou quem é. O paulista não. É discreto, a sua porta não se abre senão quando se conhece quem é o forasteiro.

E então, que maneiras cativantes, fidalgas no verdadeiro acerto do termo, que boa e sólida amizade, que franqueza natural à forma fidalga portuguesa, que nos põe à vontade, que nos cativa.

O cuidado na selecção, como o recorte gentil da forma de receber, tornam os elegantes sa-



S. Paulo — Estação da Luz

lões paulistas verdadeiramente adoráveis, onde se sentirá bem mesmo aquele que esteja habituado aos máximos requintes dos mais nobres salões. Habitados ao máximo conforto, as habitações paulistas reinem tudo quanto as exigências do viver moderno impõe.

As suas escolas são modelares, os seus institutos científicos os mais perfeitos, pondo-se a par do que há de melhor na Europa ou na América do Norte. E a par de tudo isto, uma vida desportista intensa, que o tonifica, lhe dá predilecções sádias, o gosto do trabalho constante, resistência e robustez.

São Paulo é uma colmeia imensa de trabalhadores conscientes, patriotas, que têm confiança no próximo futuro, que sabem o que valem e o que podem querer.

Gastão de Bettencourt.



S. Paulo — Museu Ypiranga

O CONGRESSO DE ANATOMIA



Os membros do Congresso de Anatomia, no átrio da Faculdade de Medicina. A sessão inaugural foi presidida pelo sr. dr. Sobral Cid



Aspecto geral do banquete oferecido pela comissão organizadora aos colegas estrangeiros da Associação dos Anatomistas, que foi presidido pelo professor sr. dr. Henrique de Vilhena



Os congressistas no Casino do Estoril onde lhes foi oferecido um almoço pela comissão organizadora. No final, discursaram os professores Drs. Champy, Celestino da Costa e Simões Raposo

Ferreira de Castro



A última obra de Ferreira de Castro — jornalista de valor e escritor vigoroso — e que tem alcançado um grande êxito de livraria, intitula-se «Eternidade». É um romance por onde perpassam os grandes problemas sociais e espirituais dos dias de hoje. O autor dos «Emigrantes» relata também, nas suas páginas, a beleza da paisagem da ilha da Madeira e da sua vida verdadeiramente cosmopolita.

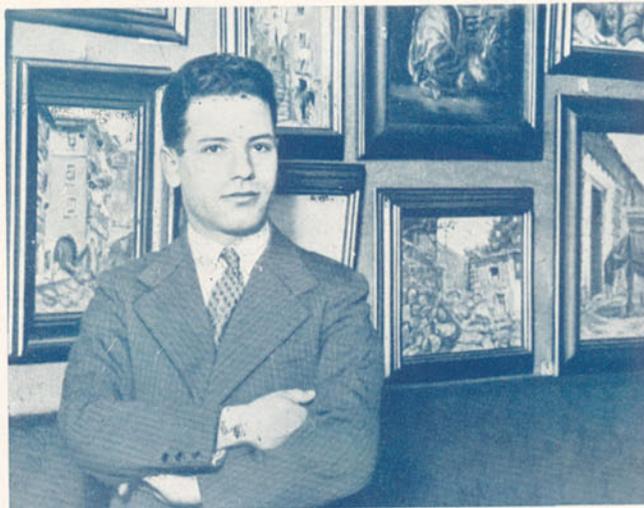
Correia Marques



DESTINADO ao grande e ao pequeno público — e nesta designação refere-se às crianças — lançou no mercado, em cuidada edição, o jornalista Correia Marques, profissional de imprensa dos mais disintos, um livro que tem alcançado êxito: «Vida maravilhosa de Santo António de Lisboa». É um volume encantador onde se relata — em linguagem sã e corrente — a vida daquele santo, que foi um homem de excelsa virtude, uma das raras almas verdadeiramente grandes, que foi amado pelo povo e que o povo entrou de entretecer à volta da sua figura lendas, em que a poesia e o carinho se dão as mãos.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

A exposição do pintor Sampaio e Melo



NA Casa da Imprensa, expoz, pela primeira vez, os seus trabalhos, o jovem pintor Sampaio e Melo. A crítica recebeu a exposição com palavras de louvor e incitamento. Afirmou que se está em frente duma promessa, duma grande esperança. O moço-artista foi discípulo do grande mestre Teixeira Lopes. O notável escultor confiou sempre no seu futuro, afirmando que Sampaio e Melo tinha qualidades para se impôr.]

A recita dos quintanistas de direito



OS alunos do quinto ano de direito deram há dias, no Politeama, a sua recita anual. Subiu à scena a revista «Costumada Justiça» de José Jaime Neves e José Gonçalves. Foi uma noite de festa. Em cima, com os autores ao centro, vêm os interpretes da peça e em baixo, alguns dos quintanistas que, em scena aberta, aparecerem no palco, a saudar o público.

Protes da Fonseca



FOI há dias oferecido um banquete ao sr. Artur Protes da Fonseca, zeloso funcionário superior da Camara Municipal de Lisboa, que acaba de completar cinquenta anos de empregado camarário e setenta de idade. Deixou, por este facto, o cargo de chefe de secção, mas foi nomeado — pelos altos serviços prestados — chefe do protocolo e membro da Comissão de Festas da Camara. Artur Protes da Fonseca, já há mezes havia sido condecorado com a «Medalha de Bons Serviços Camarários», recompensa dada aos que têm mais de 45 anos de exemplar exercicio do seu cargo.

Humberto Correia



ESTREOU-SE nas letras o sr. Humberto Correia. Publicou um romance a que deu o título de «Mulheres, a vossa carne». É uma história de amor. A acção decorre com naturalidade e os personagens são apresentados com firmeza. As descrições são feitas com relevo. A crítica pronunciou-se favoravelmente e profetizou ao seu autor um belo futuro literário.



Não há em Portugal pessoa dada às coisas de desporto que ignore as corridas de seis dias em bicicleta, formulando a seu respeito um juízo especial, que vai desde a elevação dos seus participantes à categoria de super-homens, até ao septicismo com que se encaram as manifestações aparatosas em que o espectáculo comercial prima a pureza do esforço desportivo.

De entre tôdas as provas do género, hoje espalhadas pelo mundo inteiro, a corrida de Paris é talvez a mais popular e ao mesmo tempo a de maior renome. Lendo os relatos dos jornais, ouvindo através as retransmissões do Posto Parisiense as peripécias da recente corrida que Brocardo e Guimbretière acabam de ganhar no "Vel' d'Hiv", da rua Nêlaton,

recordam-me as impressões colhidas há quatro anos, — como o tempo é bom *sprinter!* —, numa visita feita ao ve-



lódromo no decurso da prova-colosso. Eu chegára a Paris naquele próprio dia, ia a corrida em meio; tinha sôbre ela uma opinião formada, teóricamente formada, na qual o valor desportivo figurava como parcela secundária.

No entanto, não podia perder a ocasião de observar o que "aquilo", seria. Não pensava noutra coisa. Assim que me foi possível, enfiéi pelo "Metro", e fui em busca de uma opinião melhor fundamentada.

Era meia noite passada, a hora *snoob*, segundo eu lera por vezes nos jornais parisienses; em espírito antevia o já meu conhecido velódromo coberto, brilhantemente iluminado, faiscante de arcos voltaicos, negras de gente ululante as imensas tribunas que o cercam, a nave central transformada em restaurante da moda, com lindas mulheres em trajes desnudantes, numa exibição de luxo; e, causa originária de tudo isto, uma quinzena de homens lutando com ardor no anel de madeira, dentes cerrados, os olhos encovados e as faces pálidas do longo esforço de alguns dias, buscando uns restos de energia desfalecente para continuarem lutando com vantagem.

Isto sonhava eu durante o percurso subterrâneo do comboio; chegado ao local não me desmentiu a animação exterior a possibilidade de exatidão das minhas suposições.

Gente, muita gente, pela rua modesta que

AS GRANDES MANI
POPULARES DE

Como eu vi
uma "corrida de

uma excepcional iluminação alegrava; autos parados, "autobus" à farta, esperando os que partissem. De dentro vêm-nos de quando em quando bafaradas de clamores, saem grupos discutindo, entram outros apressados.

Entrámos também e, com um arripio suscitado pelo preço escaldante, adquirimos bilhete de "pelouse", para melhor apreciar o espectáculo.

Oh! amarga desilusão! Passada a porta do corredor asfixia-nos uma atmosfera pesada, tropical, turvada pelo nevoeiro denso do fumo e dos milhares de respirações humanas, na qual os focos luminosos se recortam em halos sem fulgor e os longes se esbatem e perdem num véu de cinzenta neblina. Como pode ser desportiva uma prova de esforço violento disputada em semelhante atmosfera? Espectáculo, apenas espectáculo; e como tal nos resolvemos a apreciá-la.

As tribunas de volta, vistas de onde estamos no centro da nave, são negras de gente; uma contínua mancha sombria em permanente oscilação irregular, como a superfície de um oceano de tinta, sempre ondulante e movediço.

O momento da corrida devia ser calmo, porque tôda aquela gente estava relativamente socegada. Fuma-se muito, abusivamente, empestando o ar.

Mais perto de nós, muita gente também: smokings, mulheres em traje de

baile. Nas mesitas que acompanham o rebordo da pista bebe-se champagne e fuma-se. Tôda aquela gente, porém, conversa, ri, olha para um e para outro, e só de vez em quando se digna baixar um olhar para a pista onde passam, num relance, uns vultos policromos que parecem insignificantes

FESTAÇÕES
DESPORTO

em Paris
seis dias"

acessórios no cenário geral. São os corredores.

Só então me ocorre que vim ali para vêr ciclistas disputando uma prova, e aproximo-me da pista para examinar; de onde estou, vê-se mal, muito mal, e se o lugar é caro não será, por certo, atribuível o facto à excelencia da colocação.

Vejo, por junto, um curto trecho de recta na minha frente, o alto dos dois *relevés* esfumados pela distancia, e as costas de muita gente que vê tanto como eu, muita mais gente ainda que por ali anda sem procurar vêr nada e que deixa a impressão de procurar antes ser vista.

O grupo dos corredores, que eram uns doze, passava periodicamente deante de mim, pedalandoo filosoficamente em fila indiana.

De vez em quando, chegada uma curva, o da frente, elevava-se na pista para os outros passarem e vinha, tranquilo, colorar-se atrás de tôdos.

O alto falante, impenitente tagarela, tem sempre que dizer:

— O sr. Fulano, do teatro X vai cantar uma das suas criações!

— A orquestra argentina de tal, vai tocar-nos um tango do seu repertorio!

— Allô! Allô! Mademoiselle Lili oferece um prémio de 500 francos para ser disputado em três voltas!

E mais, e mais, e sempre qualquer coisa para manter a excitação tumultuosa do ambiente que, no final, parece ser a principal característica do momento.

Os prémios oferecidos pelos espectadores aos ciclistas proporcionam-nos a única visão desportiva da noite; o incentivo do dinheiro accorda os corredores do letargo indiferentista habitual e lança-os em *sprints* vertiginosos, alguns dos quais se traduzem por lutas interessantes. Mas, passada a meta e ameaçada a nota, tudo volta à mesma, monótono, incapaz de interessar, nulo de atractivo.

Falha da assim em absoluto a concepção desportiva da prova, quiz ainda travar directo conhecimento com a massa popular e, mudando de lugar, fui para a tribuna mais alta do recinto, que é a localidade barata, popular.

Tem mais interesse o espectáculo, visto de cima; abrange-se inteiramente a pista e surgem-nos detalhes que de baixo se perdiam.

As barracas onde cada equipe tem sua instalação e sempre um homem descansa enquanto o outro circula; o restaurante da *pelouse* com seu ar pedante e sua atmosfera de falso chiquismo; o esforço atlético dos homens, por vezes belo, perdido num ambiente em que o desporto é apenas um pretexto e o negócio a razão de ser.

À nossa volta o povo segue com entusiasmo a corrida; grita-se, come-se, bebe-se.

No corredor que cerca a nave, por detrás das bancadas, são às dezenas os vultos escuros de pessoas dormindo estendidas no solo.

Pelo chão papeis gordurosos, cascas de laranjas, garrafas vazias, lixo, porcaria, e no ar que se respira, um cheiro acre, desagradável, sùmula de tôdas as emanções daqueles muitos milhares de pessoas há quatro dias vivendo em contínuas vagas no edificio cerrado.

E chamam desporto a isto! Oh! saudade viva das nossas formosas tardes de ar livre e de esforço saudável ao sol e ao vento!

Depressa, depressa, um ar respirável, que aqui sufoca-se, asfixia-se!



Saf, fugi; e dos seis dias ciclistas, a única sensação agradável que me ficou foi a alegria de respirar fundamente o ar fresco da rua quando me encontrei fóra da nave infernal.

Quatro anos se sumiram na noite dos tempos; e quando, agora, a voz da T. S. F., soando na calma do meu gabinete de trabalho me trouxe os ecos ruidosos da multidão parisiense vibrando entusiástica na nave gigantesca do Velódromo de Inverno, o meu espírito reviveu estas apagadas reminiscências e perguntei a mim próprio, uma vez mais, se seria desporto, a força que desencadeava tôda aquela loucura.

E na consciência continua pairando a dúvida que não sabe decidir-se entre a impressão por vezes bela do esforço dos atletas e o ambiente de espectáculo comercial em que o envolveram interesses estranhos.

Salazar Carreira.



Gene Raymond

Há muito tempo que o cinema não registava empresa tão audaciosa e digna de interesse como esta de adaptar ao «ecran» o romance famoso de Cervantes, glória da literatura espanhola — *Dom Quixote*.

Em todo o Mundo foi enorme o movimento de curiosidade suscitado tanto pela categoria da obra cuja adaptação se pretendia fazer, como pelos nomes de artistas de relêvo que se propunham realizá-la.

Do modo por que foram vencidas as dificuldades enormes que a tarefa oferecia é cedo ainda para falarmos, visto que só conhecemos o filme através das críticas e relatos da imprensa estrangeira. O que pretendemos é deixar aqui arquivadas algumas impressões e comentários colhidos nessa mesma imprensa, que poderão, talvez servir a uma mais perfeita compreensão do filme que esperamos admirar brevemente em Lisboa.

Dom Quixote é uma obra singularmente tentadora e difícil para efeito duma adaptação cinematográfica.

Tentadora, pela abundância de imagens que contém, pela animação irresistível das suas peripécias, pela profundidade filosófica do seu tema, pelo carácter humano dos seus personagens.

Difícil, pelo que tem de genial, pela impossibilidade quasi absoluta de imprimir às imagens esse carácter sublime e ridículo que imortalizou a obra de Cervantes. *Dom Quixote* tem na literatura mundial lugar de destaque. A grandiosidade da obra, o seu desenvolvimento harmónico e natural, e sobretudo, a humanidade dolorosa que contém, garantem-lhe esse lugar.

Para o cineasta, *Dom Quixote* tem ainda outra característica cheia de interesse — o colorido das suas imagens e descrições. Cervantes é um artista profundamente visual, através de cujo estilo as cenas assumem uma realidade intensa, quasi cinematográfica...

O leitor recorda se talvez de que já em tempo uma adaptação desta obra-prima da literatura espanhola fôra realizada.

Pat e Patachon, os famosos cómicos dinamarqueses, foram também seduzidos pela idéia de traduzir em imagens animadas este romance que o Mundo inteiro conhece e admira.

Sob o ponto de vista artístico, o seu trabalho não resultou. É que *Dom Quixote* não é a farsa que os dois nele viram. É antes uma tragi-comédia cujo carácter sublime escapava às suas possibilidades.

Pat e Patachon limitaram-se a animar duas figuras cujo aspecto físico correspondia ao seu. Buscaram a aproximação superficial, das suas silhuetas com as dos personagens de Cervantes.

Não conseguiram, contudo, evocar a essência filosófica da obra, o que ela tem de profundo e eterno. A sua obra passou. Não interessa à arte.

Poucas obras literárias contam, decerto, tão avultado número de adaptações como *Dom Quixote*. Em todas elas, respeitando, mais ou menos, o espírito da obra, os

adaptadores têm introduzido modificações importantes. Uma das razões disto é a invulgar extensão do célebre romance. Assim por exemplo, correm Mundo numerosas versões reduzidas do romance, em que a acção se acha por assim dizer condensada nas cenas de maior interesse.

Extraindo do romance uma obra célebre, Massenet foi do mesmo modo obrigado a modificar o desenvolvimento da acção, condicionando a às possibilidades do espectáculo teatral.

Não podia fugir a esta regra, a adaptação agora realizada. Entre o abundante material que a obra oferecia, forçoso era fazer uma selecção, que permitisse reunir no filme o máximo de interesse e movimento. Mas o realizador foi mais longe.

Modificou por completo a ordem seguida no romance e até muitos dos seus pormenores. Assim, por exemplo, o combate contra os moínhos de vento, que D. Quixote toma por gigantes ameaçadores, é na obra de Cervantes um dos primeiros episódios das loucas aventuras do «cavaleiro da triste aventura».

No filme esta peripécia achase quasi no fim, e é ela que põe doloroso remate à expedição. Gravemente ferido na sua investida contra os moínhos, D. Quixote morre pouco de-



Joan Marsh

UM FILME DE PABST “D. QUIXOTE” NO CINEMA

pois, assistindo com lágrimas à queima dos seus livros de cavalaria, causa de todas as suas desventuras.

Sobre a oportunidade dessas modificações introduzidas na obra, que mereceram a alguns críticos espanhóis censuras acérbas, é cedo para formular uma opinião enquanto o filme não fôr exibido entre nós.

Digamos, porém, que dois ilustres escritores franceses, de comprovada categoria colaboraram nessa adaptação. São eles Paul Morand e Alexandre Arnoux. E os seus nomes são séria garantia de que o espírito de Cervantes não terá sido atraído para alterações feias.

O que mais contribuiu para fazer de *D. Quixote* uma obra marcante na literatura mundial é, sem dúvida o aspecto simbólico de que se revestem os seus dois principais personagens. D. Quixote e Sancho Pança ocupam, de facto, na galeria dos símbolos de significação universal, um lugar bem evidente.

O primeiro, é a personificação do ideal generoso, sonhador. O segundo, do senso prático, materialista, comum.

Esta dualidade vamos encontrá-lo no mais íntimo do espírito humano. O choque permanente entre o cavaleiro idealista e o seu escudeiro vive no mais profundo da consciência de cada homem. E a luta sem tréguas entre o ideal e o senso-comum.

Cervantes imortalizou-se porque descobriu essa verdade fundamental e eterna. Compreendê-lo e repeti-lo, hoje só tem um perigo e uma dificuldade — o lugar comum.

G. W. Pabst foi o realizador desta adaptação. Artista de estilo vigoroso, e de talento excepcionalmente plástico, que lhe permite cultivar os

mais variados géneros, Pabst só nos podia dar da obra de Cervantes uma interpretação original e sugestiva.

Dos seus enormes recursos é fácil ter uma ideia justa através de duas obras em que o seu estilo se define — *Quatro de Infantaria e Tragédia da Mina*.

Por elas se vê que Pabst não se deixa apenas seduzir pela imagem e que é, sobretudo, a essência moral e filosófica que delas se desprende o que o interessa.

Esta circunstância basta para permitir augurar um elevado sentido à adaptação da obra de Cervantes.

Recorde-se, a propósito, que Pabst trabalha actualmente em França. Apóstolo da paz e da aproximação entre os povos — ideal que anima quasi todos os seus filmes — o grande artista alemão sente-se cercado na sua pátria dum ambiente desfavorável.

É, portanto, no estrangeiro que ele procura continuar a sua obra — obra que ficará na história do cinema pela sua beleza sóbria e expressiva, e pelo ideal generoso que a anima.

Dois artistas de raro valor assumiram a interpretação dos imortais personagens criados por Cervantes. D. Quixote apparece-nô á sob os traços de Chaliapine, famoso cantor russo possuidor duma das mais possantes e belas vozes de «haixo» que o Mundo tem conhecido. Sancho Pança será encarnado por Dorville, o excelente cómico francês. Um e outro ajustam-se ao aspecto físico que Cervantes imaginou e descreveu. Chaliapine fizera-se já notar pela sua notável interpretação da figura de D. Quixote na ópera de Massenet. O seu trabalho de actor nessa ópera igualava o de cantor consagrado em todo o Mundo. Daí o ter sido ele escolhido para desempenhar o difícil papel.

Chaliapine tem ocasião, nesta adaptação da obra de Cervantes, de patenciar a sua bela voz em diversas canções espalhadas pelo filme. Deve, porém, esclarecer-se que nada ha de comum entre a película e a ópera de Massenet e que a música do filme foi escrita expressamente para este.

Para a composição do filme Pabst reuniu pacientemente,

grande número de informações e materiais.

Segundo elle próprio confessa, uma das cousas que mais forte influencia exerceram sobre elle foi todo o vasto trabalho de illustração da obra de Cervantes realizado por Gustavo Doré.

Este extraordinário artista conseguiu, na realidade, evocar em admiráveis desenhos grande número de passagens de *D. Quixote*. As suas gravuras foram, pois, como se vê, uma contribuição preciosa que auxiliaram Pabst na composição das imagens do seu filme.

Não é esta a primeira vez, nem será por certo a última, em que a arte prodigiosa de Doré influencia outros artistas.

Relatemos, para terminar, dois episódios colhidos numa revista francesa e que ocorreram durante a realização d'este filme.

Laise filmar a luta de D. Quixote contra os moínhos. Enganado pela bruma que lhe faz ver nas asas dos moínhos braços de fabulosos gigantes, D. Quixote lança-se sobre eles a galope, de lança em riste.

Ora a filmagem fazia-se no sul da França e o tempo mostrava-se sereno, o céu radioso. Sem nuvens, o equívoco de D. Quixote não era possível.

Mas a ciência progrediu e para um realizador não há obstáculos insuperáveis. Requereram-se aviões para lançar cortinas de fumo, nuvens artificiais destinadas a substituir as que o clima benigno da «Côte d'Azur» recusava.

Sucedeu, porém, em que no momento preciso em que tudo se achava pronto, a chuva começou a cair insistente, teimosa. E assim se manteve durante trinta e seis dias...

O outro incidente passou-se com o cavallo de D. Quixote, o famoso Rossinante.

Obedecendo ao espírito do romance, escolheu-se um cavallo magro, esquelético quasi, em tudo semelhante ao descrito por Cervantes no romance.

Por diversos motivos, a filmagem esteve interrompida algumas semanas. Quando ao fim desse tempo, Rossinante fez a sua aparição perante o realizador e os actores, todos notaram com desespero que a pobre alimária perdera o que tinha de mais característico — a magreza. Descansan-



Romon Navarro

do e farto de alimentos, Rossinante engordára de tal modo que não se podia, sem grave offensa para o espírito de Cervantes, fazê-lo comparecer ante a câmara cinematográfica.

Que fazer? Substitui-lo? Mas havia já grande número de cenas filmadas e a troca seria notada por qualquer observador atento.

Restava uma solução e essa se seguiu. O pobre cavallo foi caracterizado. Algumas rugas habilmente espalhadas pelo corpo fizeram-no ressurgir em toda a primitiva magreza. E assim se pôde continuar a filmagem.

Dom Quixote reserva, pois, a todos os cinéfilos uma surpresa que pretendemos pôr em destaque, sem intuíto publicitários de qualquer espécie.

Trata-se duma obra de convergadura na literatura de todo o Mundo animada por profunda concepção filosófica. Teve a realizá-la, nesta adaptação cinematográfica, um artista dos de mais seguro talento — G. W. Pabst.

Como se comportará este grande criador cinematográfico perante a obra genial de Cervantes? Como interpretará o espírito desse romance imortal? De que meios se terá servido para exprimir o trágico ridículo dos seus personagens?

Tais são algumas perguntas que *Dom Quixote* no cinema nos sugere.

Elas justificam que o filme seja aguardado com um interesse que sobrelevo a da produção corrente.

Miriam Hopkins

Ilustra a capa do presente número uma artística fotografia da bela «estrela» norte-americana, Miriam Hopkins.

Miriam Hopkins não necessita de apresentação ao público que frequenta cinemas. A sua beleza de linhas puríssimas, sobre que paira um ar de mistério, criaram-lhe de há muito direitos à admiração de todos nós.

A formosa artista é hoje um dos elementos de maior valor do elenco da Paramount.

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Contos de fadas

REALIZAR o impossível é uma das aplicações supremas da arte cinematográfica. Aquela mesmo que mais largo campo de acção oferece aos artistas de imaginação.

E não são apenas as grandes fantasias ou antecipações que o cinema pode realizar. Nos mais pueris contos de fadas é possível encontrar motivo para imagens que deslumbram e captivam. Pelos seus variados meios de expressão, o cinema pode dar realidade a essas delicias abstracções criadas para regalo de imaginações infantis.

Por isso se pensa adaptar ao cinema uma série de contos que se intitula «Alice no país das maravilhas» e é uma das obras-primas da literatura inglesa do género.

Vejam agora como se pretende pôr em cena essas histórias impossíveis que há muitos anos fazem as delicias da população infantil da Inglaterra e Estados Unidos.

Tratando-se de contos fantasiosos nada melhor do que os desenhos animados para lhes dar corporização. Assim se fará. Walt Disney, o famoso criador do «Mickey, o rato» animará com os seus espirituosos desenhos esse mundo maravilhoso. Resta «Alice», personagem central de rapariguinha ingénua que faz estas incursões pelo domínio do sonho. «Alice» será interpretada, segundo se projecta, por Mary Pickford que, mercê dos prodígios da cinematografia, desempenhará o seu papel no mundo irreal dos desenhos que se movem, entre os restantes intérpretes fantásticos do filme.

«Alice no país das maravilhas» será, possivelmente, o último filme de Mary Pickford. A linda «noiva do mundo» terá assim escolhido um remate digno da sua extraordinária carreira. — M. R.

Estreou-se há pouco em Roma um filme que merece ser destacado da produção corrente pela categoria dos que lhe prestaram o seu concurso.

Chama-se este filme «O aço», e o seu argumento é da autoria do famoso dramaturgo Luigi Pirandello. A realização é de Walter Ruttmann, o extraordinário cineasta a quem se deve esse belo poema de imagens que tem por título «A Sinfonia duma capital».

Dum desenvolvimento dramático digno do grande escritor italiano, o argumento não se faz contudo notar pela sua originalidade. É uma história de amor vulgar a que as grandes fundições de aço italianas servem de cenário. De resto, todo o filme, como o próprio título indica, é um documentário da indústria do aço, em que se exalta uma pretendida dedicação do operário pela fábrica.

Os altos-fornos, os cadinhos transbordantes

de metal em fusão, tudo o que compõe uma moderna fundição de aço, serviu de pretexto a Walter Ruttmann para a composição de belas imagens em que a sua arte tem farta ocasião de se evidenciar.

A «Paramount» desmentiu diversos boatos que pretendiam estar ela na disposição de fechar os seus estúdios durante o verão. Apesar da sua situação financeira está insuficientemente esclarecida depois do retumbante processo de falência que lhe foi instaurado, o certo é que tem sete filmes em realização e que em estudo mais dez que serão produzidos em data próxima.

A crise, que faz pesar sobre todo Mundo os seus trágicos efeitos, tem também a sua trágica repercussão no mundo do cinema onde há muito



Joan Crawford, numa atitude que lhe realça as formas esculturais

tempo já as suas conseqüências se fazem sentir, com evidente prejuízo da qualidade e quantidade dos filmes produzidos.

Como resultado desta crise os ordenados dos actores sofreram uma redução que vai de 25 a 50 por cento. Foram em especial os fabulosos vencimentos dos grandes «estrelas» os mais atingidos por estas medidas de economia.

É talvez porque a autoridade está em moda, fala-se agora em que vai surgir um ditador do cinema. Este ditador seria um delegado dos grandes bancos que financiam a indústria e teria plenos poderes para orientar a actividade das

grandes firmas que se dedicam ao negócio de filmes. Por muita confiança que se tenha nos métodos ditatoriais, é difícil, neste caso, augurar alguma cousa de bom para o progresso do cinema.

Mais um filme sobre o problema social da guerra.

Chama-se «Men must fight» e, sendo um libelo contra a guerra, tende contudo a provar que num momento de exaltação patriótica o instinto guerreiro prevalece sobre os ideais humanitários. O que sendo exacto não é, apesar disso, justo nem moral.

Trata-se da história duma enfermeira que vê o seu amante morrer na frente de batalha quando está em vespas de ser mãe. Uma ideia a domina desde esse trágico-momento — afastar seu filho de todas as tendências belicosas, impregná-lo de doutrinas pacifistas. Decorrem vinte

e três anos e sobrevem nova guerra. A pobre mãe, desesperada faz tudo para afastar seu filho da carnificina, mas sem resultado. Ardendo em entusiasmo patriótico, o rapaz marcha para o cataclismo, demonstrando que é mais forte o sentimento pátrio que os princípios de humanidade e justiça. A destacar neste filme temos a interpretação de Diana Wynyard, uma inteligente actriz inglesa que tem o difícil papel de mãe, no qual se apresenta em dois períodos de vida — primeiro como joven enfermeira amorosa e mais tarde como mãe extremosa e prudente.

«Viagens de Gulliver», o popular romance que fez as delicias da nossa mocidade, vai ser adaptado ao cinema. Este filme exigirá, como se calcula, grandes artificios técnicos, por isso que se destina a representar aventuras viagens por países de gigantes e anões. Os mais modernos processos de *truage* serão empregados, o que vem contribuir para aumentar a curiosidade com que é aguardado.

Karl Freund, hábil técnico alemão que tomou parte na realização de «Variedade» e «Metropolis» ao lado de Fritz Lang, dirigirá a realização deste filme por conta da «Universal».

A radiofusão de filmes é hoje cousa corrente, ou quasi, na América do Norte.

Os amadores de televisão sobem já a dois ou três milhares e a recepção das imagens faz-se em condições, muito dispendiosas por ora, mas satisfatórias. O raio de acção de cada posto emissor é de cerca de 600 milhas.

Pelos progressos conquistados, pode prever-se que, dentro de algum tempo, a rádio-difusão de filmes estará largamente popularizada. É mais que certo que o advento desta nova forma de espectáculo trará grandes modificações à arte cinematográfica, modificações que não podem por enquanto ser previstas dado o carácter experimental que até agora os trabalhos têm tomado.

O Brasil está em moda em Portugal e está em moda desde que rebentou em S. Paulo a revolução chefiada pelo general Bertoldo Klinger, um grande brasileiro numa inteligência superior. Vive-se há meses numa atmosfera de íntima aproximação provocada pelas *élites* mais representativas da metrópole imensa que é iluminada desde o Cruzeiro do Sul à Estrela Polar... Sente-se o ansioso palpitar das gentes de Portugal por toda e qualquer manifestação de amizade, de interesse, de carinho e de homenagem exportadas da grande república sul-americana desembarcadas em horas felizes nas margens do Tejo banhadas de sol. Primeiro, foram os emigrados políticos brasileiros, filhos que se tinham esquecido da Terra-Avó, que chegaram de visita, que nos vieram trazer o amplexo fraterno que os séculos cimentaram. Vieram em ranchos, como em bandos as aves migratórias regressam a Portugal. Trouxeram-nos na suavidade das suas palavras, na lhaneza do seu trato, na fidalguia das suas atitudes, a certeza de que no Brasil não há pessimistas, que brasileiros e portugueses são verdadeiramente irmãos. Desde o riograndense romântico, sonhador, descendente directo dos açorianos que no tempo das conquistas abalaram a caminho do Eldorado e em cujos olhos brilha o anseio de novos horizontes, até ao baiano escravo da terra que o viu nascer, ao paulista que vive o século xx na sua máxima amplitude, todos os filhos desse Brasil imenso cujo mistério indecifrável me tenta tanto como a paixão violenta dos olhos negros das gaúchas, vieram garantir a Portugal, afirmar com a sua honrosa presença, a sua estreita solidariedade com os destinos da velha nação latina. Depois foi a exposição dessa apreciada pintora D. Guiomar Fagundes que nos revelou numa forma bastante satisfatória o "folclore" da vida brasileira, e a interpretação de assuntos portugueses alguns deles extraídos de poesias famosas. Finalmente uma companhia de teatro brasileiro, que se abalança a vir a Portugal desfazer o quebranto, romper com a bruma, descobrir, numa palavra, um Portugal que eles julgavam viver ainda encouraçado em muralhas medievais, afastado de todo o contacto com a arte brasileira.

A saúde do Brasil em Portugal

Nesse rancho de *folcloristas* brasileiros que souberam inteligentemente conquistar os corações de todos os portugueses não



EM CIMA: Jardel Jercolis, entre Aracy Cortes e Lódia Silva

AO CENTRO: Vanise Meireles

EM BAIXO: Carlos Lisboa e Oscarito

sabemos que mais admirar. Se a graça, o encanto e a plasticidade dos elementos cénicos, se essa formidável orquestra que a batuta prodigiosa de Jardel Jercolis

conduz através o dédalo das interpretações mais variadas da música.

Em boa hora essa numerosa embaixada artística brasileira largou das margens perfumadas da formosíssima Guanabara, e veio, Atlântico acima, seguindo o caminho da saúde, trazer-nos nas gargantas de ouro dos seus artistas, a nostalgia do país irmão, a voz da raça que não se extingue, que viverá sempre.

Há neste *cocktail* teatral que alcançou em Lisboa um justo e merecido sucesso artístico, desde a morena de formas esculturais e timbre aveludado, como é Vanise Meireles, uma actriz que pode aspirar a ver o seu nome no cartaz dum Casino, das *Follies* ou do *Femina* de Berlim, à beleza angelical, diáfana, de Lódia Silva, gêmea na formosura de Norma

Sherear. Há de tudo

neste *cocktail* sul-americano. Uma

Aracy Cortes, rainha da revista e do *samba*, figura de destaque nos elencos brasileiros, alma do sertão num corpo de índia, que

[em cada canção nos transporta, em sonhos, à paz romântica da nostalgia sertaneja do Guarany, de mistura com a graça irresistível de Oscarito, misto de *down* e de cómico, extraordinário temperamento de artista de circo mas que se encontra bem num teatro de revista e com a *silhouette* fotogénica de Carlos Lisboa, um artista português que Jardel Jercolis soube admiravelmente aproveitar.

Neste rolar de nomes, evoca-se uma pátria querida, que merece as nossas homenagens, que tem direito ao respeito e ao carinho de todos nós. Destruamos as *blagues* perniciosas dos pessimistas, dos que não sabem construir e repetimos como Jardel que "Portugal e Brasil são duas grandes saudades unidas pelo Oceano da Amizade".

E assim, integrados no alto pensamento, é que nos devemos ajudar mutuamente e colaborar de mãos dadas na afirmação sincera de que somos irmãos. Cumpre-nos, portanto, a nós portugueses, testemunhar a esse punhado de brasileiros que representam uma Arte que pela primeira vez nos visita, que não são estrangeiros entre nós, que se encontram como numa sua segunda casa.

Armando d'Aguiar

Festas de Caridade

EM S. CARLOS

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte as sr.^{as} condessas de Carnide, de Mafra, e de Taboieira, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Isabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Josefina Morales de los Rios Froes, D. Maria Eugénia Barbosa de Guimarães Serodio, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Santos Roque de Pinho e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, realisa-se na noite de 9 de maio, no teatro de São Carlos, onde actualmente está funcionando a magnífica companhia de declamação da notável artista Ilda Stichini, uma recita de caridade, por um grupo de distintos amadores, pertencentes á nossa primeira sociedade, que se exhibirão em vários números de canto e dança, que compoirão duas partes do programa, sendo a outra formada pela representação de uma peça em 1 acto pela companhia do teatro.

Os poucos bilhetes que restam, para esta sensacional e elegante recita de caridade, devem ser requisitados pelo telefone 2.4524.

Titulares

O sr. Dom Duarte Nuno, acaba de autorizar a usar os títulos de conde de Castelo Branco, e de visconde de Moraes (José), respectivamente aos srs. engenheiro Simão Trigueiros de Martel, que por direito lhe pertencia, e José Joaquim de Almeida Araujo, filho único dos segundos viscondes de Moraes, neto materno dos primeiros condes de Almeida Araujo, já falecidos, e paterno dos primeiros viscondes de Moraes.

Almoço

Em honra do sr. Júlio Prestes, presidente eleito da República do Brasil, ofereceu o ilustre advogado sr. dr. Orlando Marçal, na sua encantadora vivenda da Parede, um almoço, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo sido convivas, além do homenageado, os srs. dr. Victor Kender, antigo ministro, dr. Guilherme de Almeida, dr. Teixeira de Pascoaes, dr. João Couto, Aquilino Ribeiro, Alberto de Sousa, Rocha Martins e Rafael Marçal.

Casamentos

Pela sr.^a D. Rita Pedrosa Pires de Lima, foi pedida em casamento, em Barcelos, para seu filho, sr. dr. Antonio Pires de Lima, advogado e chefe da secretaria da Camara Municipal de Barcelos, a sr.^a D. Eliza Sellés Paes de Vilas-Boas, gentil filha da sr.^a D. Eliza Sellés Paes de Vilas-Boas, e do sr. dr. Joaquim Paes de Vilas-Boas. A cerimonia deverá realizar-se por todo o próximo mês de outubro.

— Em capela armada na residência da sr.^a D. Branca da Cunha e Castro, realisoou se o casamento de sua interessante filha D. Beatriz, com o sr. José Dias Rosa, filho da sr.^a D. Maria Rosa Dias e do sr. António Dias.

Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos os srs. José Nobre da Fonseca Junior, e dr. Alfredo da Cunha e Castro, respectivamente pai e tio materno da noiva.

VIDA ELEGANTE

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior do Sagrado Coração de Jesus, que no fim da missa fez uma brilhante alocação. Sua Santidade, dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido no salão de mesa um finissimo lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Varela, esposa do capitão médico e antigo senador sr. dr. José Varela, para seu filho sr.



D. Maria Domingas de Sousa Coutinho (Borba)

Honra hoje as colunas da Ilustração o retrato da sr.^a D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, esposa do sr. Jorge Rebelo da Silva e filha dos saudosos titulares, srs. marqueses de Borba. Figura de destaque da nossa velha aristocracia, espirito des-empoeirado e franco, D. Maria Domingas Borba é sem dúvida alguma, uma das senhoras da nossa primeira sociedade a quem mais devem as instituições de beneficência.

dr. João Varela, médico, a sr.^a D. Maria Emilia Neto Teixeira Marques, gentil filha da sr.^a D. Palmira Neto Teixeira Marques, já falecida, e do sr. Domingos Freire Teixeira Marques, importante proprietário.

A cerimonia deve realizar-se dentro de um ano. — Realisou-se em uma sala de elegante residência da sr.^a D. Maria Augusta Pinto Barbosa e do sr. dr. Carlos Barbosa, armada em capela, o casamento de sua interessante filha D. Maria do Carmo, com o sr. João Pedro Dias Vaz, filho da

sr.^a D. Maria Dias da Silva e do sr. Francisco da Silva Vaz.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior de S. Sebastião da Pedreira, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Foram madrinhas, a mãe da noiva e a sr.^a D. Leonor Pinto Bastos Dias Pinto e padrinhos, o pai da noiva e o sr. Guilherme Dias Pinto.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido no salão de mesa um finissimo lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Em Setubal, foi pedida em casamento pelo sr. conde de Costa Lobo, ilustre professor da Universidade de Coimbra, para o sr. dr. Fernando Falcão Felix Machado, professor do liceu e jornalista, filho da sr.^a D. Virgania Sertori e de Falcão Machado e do sr. Manuel Falcão Felix Machado, africanista e importante proprietário em Viana, a sr.^a D. Maria Ana de Cabedo Garcia, gentil filha da sr.^a D. Maria Francisca de Cabedo Garcia e do falecido clinico sr. dr. Fernando Garcia.

A cerimonia realizar-se-há ainda este ano.

— Na paróquia de S. Jorge, em Arroios, realizou-se o casamento da sr.^a D. Ilda Luciana dos Santos, interessante filha da sr.^a D. Berta Branca dos Santos, e do sr. Raul Augusto dos Santos, com o sr. Vidal Salvador de Castro Bizarro, filho da sr.^a D. Izabel Simões Bizarro e do sr. Vidal Salvador de Castro Bizarro, tendo servido de padrinhos os paes dos noivos.

Celebrou o acto o reverendo Tomaz Borba, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

— Para seu filho, o tenente de engenharia sr. Mario Torroais Fragoso, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Torroais Fragoso, esposa do sr. Silverio do Nascimento Fragoso, a sr.^a D. Hortense Emilia de Sousa, gentil filha da sr.^a D. Leocadia Emilia de Sousa e do sr. Luís Manuel de Sousa, já falecido. O acto deve realizar-se ainda no corrente ano.

— Realisou-se o casamento da sr.^a D. Maria Julia Batista, interessante filha da sr.^a D. Julia Olimpia Batista e do sr. António Batista, já falecido, com o sr. Manuel da Silva Rodrigues, filho da sr.^a Adelaide da Silva Rodrigues e do sr. Manuel Rodrigues, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Carlota Batista e D. Raquel Machado Rodriguez e de padrinhos os srs. Julio de Almeida Nogueira, e Humberto Rodriguez.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso em Génève, a sr.^a D. Nadege Pictet Freire de Andrade, esposa do sr. dr. Narciso Freire de Andrade, secretario de legação, em serviço na Secção de Mandatos da Sociedade das Nações.

Mãe e filho estão felizmente bem.

— A sr.^a D. Lucinda Pereira Dias Alvares de Melo, esposa do sr. João Ribeiro Alvares de Melo e filha do sr. José Ribeiro de Melo, consul geral de Portugal em Liverpool, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filho encontram-se felizmente de saude. — Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Constância de Sousa Figueiredo, esposa do sr. Jorge de Figueiredo.

Mãe e filha estão de perfeita saude.

VIDA FEMININA

O homem queixa-se e talvez com razão, de que a mulher de hoje não tem a doçura e a alma terna, que tornavam antigamente a mulher a consolação e a luz da sua vida. Mas para para ser justo, deve ver que a culpa não é só da mulher, mas que sobre elle recai uma grande parte de responsabilidade, nessa aridez de alma, que torna a mulher um pouco dura. A outra parte de responsabilidade cabe á dificuldade de viver, que ha agora. Antigamente a mulher entregava ao homem a parte da luta da vida, e, para si reservava apenas o doce papel de consoladora de animadora espiritual. Em casa ela mantinha acêso, o doce facho da ternura. Sabia-se protegida por aquele que fóra de portas lutava para que a vida lhe fosse doce, que a linha procurado pela atração que por ela sentia e não porque o seu dote atingisse a cifra desejada, ou os seus ganhos fóssem bastantes, para ajudar a manter a casa. E a mulher que se sentia animada protegida, querida, em volta, dava todo o seu afecto dedicava tudo o que nela havia de energia e de sentimental no culto do bem estar dos seus, no amor do marido e dos filhos. A vida é hoje muito diferente para a mulher, ela luta na sua vida exterior, tanto como o homem, ele tem no seu modo de vida os mesmos dissabores, as mesmas ambições, as mesmas desilusões e chega a casa e em vez de descansar, num lar traquilo e cheio de carinho e conforto como succede ao homem, tem ainda de lutar para que esse conforto exista, tem ainda de trabalhar, e, novas preocupações de um outro género a assaltam.

É uma das crianças que está doente, são as creadas que não executaram as ordens que lhe

foram dadas e, na vida da mulher asoberbada de preocupações, não há uma hora para cultivar na sua alma a doce flor da doçura. E há ainda uma outra causa: antigamente a mulher era religiosa. Não se compreendia mesmo que existisse uma mulher que o não fosse, e, o homem em geral compartilhava os seus sentimentos havendo mais um laço a uni-los, e, se não era religioso respeitava as crenças da mulher e não tentava matar, na sua alma, a fé. Hoje não é assim: a troça acompanha a descrença e a mulher que tem uma vida ocupadíssima, habitua-se a não elevar para Deus o seu espírito e a viver unicamente para a materialidade da vida. E desde o momento em que a mulher não tenha na vida, nada que a eleve acima da banalidade da existência material, é bem natural que a sua alma endureça, e que perdesse o que fazia todo o encanto da mulher antiga, que procurava na oração, o consolo para as desilusões deste mundo, e, que pela oração adoçava a sua alma, tornando-a melhor e mais compreensiva, para o seu companheiro. A vida é difícil de mudar quando todos não estão de acôrdo, mas se o homem quizer ver a sua parte de responsabilidade no sentimento moral da mulher, se modificar a sua maneira de ser para com ela e se continuando a ser o camarada, liver, um pouco de terna protecção, não ridicularizando o resurgimento religioso, que se nota na mocidade moderna, mantendo ao mesmo tempo o justo equilibrio, elle encontrará de novo na mulher a companhia doce e terna, que lamenta agora não ter já. Na alma de toda a mulher há um recanto mais ou menos escondido, de doçura e de affecto, que não espera muita vez para se manifestar senão um pequeno gesto, uma palavra, que demonstre que será bem recebido. E esse gesto essa palavra vão acordar tesouros inexgotáveis, que como o ouro e os diamantes faziam escondidos sob uma espessa camada, não de terra, mas de desconfiança e de medo ao ridiculo.

O homem que se não queixe porque no dia em que sinceramente o quizer terá de novo a companhia doce, terna e meiga que foi a consolação e o amparo dos nossos avós na dura e áspera luta pela vida. O homem tem a mulher que merece.

Maria de Eça.

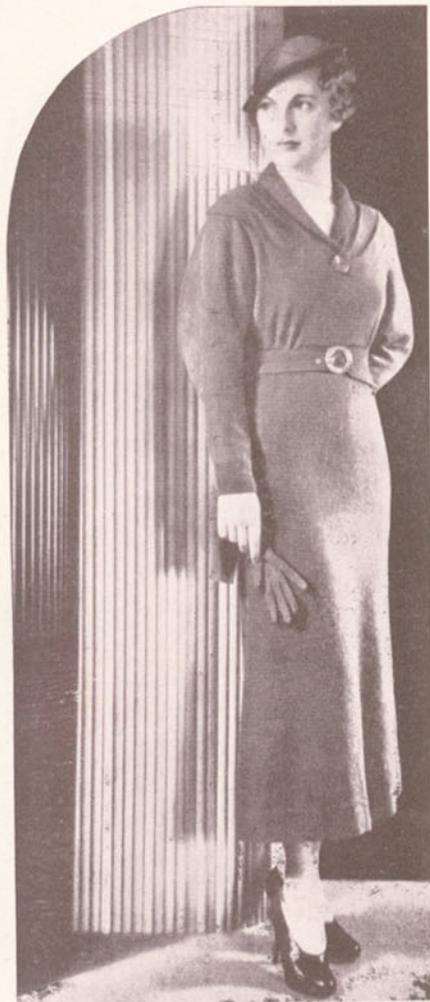
A moda

A moda tem de variar segundo a época e segundo os usos e costumes. É interessantissimo notar atravez dos antigos figurinos, como tem aparecido novos géneros de «toilette», para desporto, para passeio, e agora aparece, porque se vai tornar indispensável a «toilette» para excursão em avião. É para notar como a mulher tem simplificado a sua maneira de vestir.

Quando apareceram os primeiros automóveis, a maneira como as senhoras se vestiam para a mais pequena excursão, era complicadissima, um enorme guarda-pó cobria os complicados vestidos e os chapéus eram envolvidos num espesso veu de gaze. Hoje, para a excursão em avião, nada desses exageros se usam e vemos na rapariga gentil, que numa das nossas gravuras se prepara para partir de Croydon, para Le Bourget, a mais simples «toilette», um vestido em diagonal «gris» com um pequeno casaco azul escuro e uma pequenissima «toque» em palha azul. Um vestido que á saída do avião ella pode usar nos «boulevards» sem que chame a atenção.

A carteira

UMA das mais graves compras é sem dúvida a da carteira. Uma carteira é preciso que seja muito boa, de duração e que diga bem com o



vestido com que tem de ser usada. As duas elegantes raparigas que estão escolhendo carteira, vê-se que se preocupam na sua requintada elegância, que a carteira não destoe das suas «toilettes» do maior «chic». Uma delas veste um elegantissimo modelo de Augusta Bernard guardado a astrakan castanho.

A outra uma «toilette» em «beige» com um casaco três quartos guardado a pelica vermelha. Que escolherão ellas. Uma carteira em couro castanho ou «marrocaïn beige»?

Qualquer delas completaria com a maior elegância o elegante traje das duas graciosas raparigas.

Não há rapariga que não fique bem á noite com uma «toilette» branca. Por esse motivo damos hoje, ás nossas leitoras, um lindo modelo em «georgette» branco, usada por miss Jean Crichton, uma das mais lindas raparigas da alta sociedade inglesa, que passa o inverno no seu castelo da Escócia.

Para a primavera continuam a usar-se os vestidos simples, em lã, que o outono passado fizeram a delicia das elegantes. O modelo que hoje damos, é duma graciosa simplicidade e muito util num guarda-vestidos, porque é dos vestidos que se podem usar a qualquer hora e tem sempre utilidade. Temos a certeza que agradará ás nossas leitoras, pelo pratico que é.

Sempre o mesmo

O mundo é sempre igual e as gerações sucedem-se sempre parecidas. Uma austera senhora inglesa, escrevia em 1790, uma carta a um



parente, publicada pelo *Times*, na qual deplora a desenvoltura das maneiras das jovens, especialmente o atrevimento das meninas, que nem já sabiam corar acrescentando graça à sua feminilidade. O amor pelo luxo — observa a nobre senhora — é desenfreado e não faltam as excentricidade de toda a espécie, vêem-se senhoras e meninas com o chapelinho ao lado e de bengala. As senhoras de idade pintam-se e escondem as rugas. Puzeram de lado as toucas e manteletes para se vestirem como as raparigas. A velhice já se não respeita. As matronas romanas eram consideradas tesouros do Estado e a elas se dirigem as maiores personagens, pedindo-lhes conselho. As senhoras de hoje usam chapelinho de menina e querem parecer novas a todo o custo, dando mau exemplo às novas, fazendo-se tratar pelos homens como camaradas perdendo o seu encanto e o seu pretígio». Digam se esta carta escrita em 1790, não parece escrita em 1933?

Os tempos sucedem-se e as gerações criticam-se sempre.

O casamento

TODOS os anos tem lugar, na segunda-feira de Pentecostes uma curiosa cerimónia em Ilford na Inglaterra. Um tribunal composto de 6 homens e 6 mulheres todas solteiras, julga entre os vários casais que se apresentam, qual merece receber o prémio de perfeita harmonia conjugal. Marido e mulher tem de provar que durante um ano, viveram em harmonia e perfeita concórdia e que não houve entre eles o mínimo desacôrdo e que nem mesmo em pensamento faltaram ao respeito recíproco e que não se arrependeram de ter perdido a liberdade. O jury pronuncia o «verdictum» depois de terem feito as perguntas mais embaraçantes. O extranho é que em geral os candidatos são velhos, que criaram muitos filhos, espalhados pelo mundo.

O prémio, é um presunto. Êste extranho uso foi iniciado pelos frades de Funuord, perto de Ilford. Êsse convento, que tanto se preocupava com a paz conjugal a ponto de a premiar, já não existe há muito tempo. Os vencedores, depois de premiados, são sentados em cadeiras e passeiados aos ombros em volta da praça que serve de tribunal para êste curioso julgamento.

De Mulher para Mulher

Maria José Não só entendo que pode, mas acho que deve, mandar os seus filhos para uma aula gymnástica, com um bom professor. Nada há melhor para as crianças, fortifica-as sem os inconvenientes dos remédios. Para a pequenina faça o vestidinho em «crepe de chine» côr de rosa. Deve ficar um amor.

Guida: Delculpe-me que não concorde consigo. Quem tem razão são os seus pais. São ambos muito novos para casarem já e uma espera de dois anos só fará com que gostem mais um do outro e se entendam melhor na sua vida séria. O casamento não é uma brincadeira.

Anabela: Não se desole. Vai-se usar tudo Copas altas e baixas, chapéus grandes e pequenos. Há muito por onde escolher e todas ficarão bonitas.

O médico é que deve indicar para onde deve ir passar o verão. É uma questão de saúde e não de elegância. As férias são para nos fortificarmos e não para fazer snobismo.

A riqueza antiga

ONDE tinha a rainha de Sabá as suas fabulosas riquezas? Onde Hiram rei de Tiro e muitos outros poderosos reis da antiguidade iam carregar os seus navios de ouro e brilhantes? Onde



é que o próprio Salomão depois ter recebido a rainha de Sabá e de lhe ter dado um filho, continuou a fornecer-se de todo o ouro de que falavam as lendas? Era na Rodésia, na Rodésia era ainda Ophir, a bíblica cidade dourada. A Rodésia é hoje atravessada com a mesma comodidade de um país europeu e não deixa no entanto de ser cheia de fascinantes mistérios. Os imensos recursos auríferos desta região devem ter chamado os mais antigos povos. Atestam-no as ruínas de que está semeada. Estas ruínas de casas, de tôrres, de templos, de fornos para o trabalho do ouro agrupam-se em volta de Funhabue a trinta quilómetros de Vitória. A presença destes fornos e alguns objectos encontrados nas escavações levam-nos a supor que ali era um grande centro de trabalhos em ouro. Um facto bastante extranho é a falta de sepulturas, que demonstra que êstes antigos habitantes levavam os seus mortos para lugares distantes do habitado. Foram persas, árabes, egípcios? É um segredo que desafia a história.

Higiene e beleza

HÁ senhoras que se queixam de ter umas profundas olheiras arroxeadas. Podem ser ocasionadas por um mau estado de saúde e nesse caso é necessário um tratamento médico; noutros casos são de cansaço ou insónias. Neste caso podem diminuir-se com o emprego de compressas quentes, molhadas na seguinte mistura: Alcoolato de alfazema, 10 gramas; Alcoolato de melissa, 10 gramas; Alcoolato de romero, 10 gramas; Nitrato de pilocarpina, 0,05 de grama. Um outro padecimento que desfeia muito é a inchação das pálpebras, sobretudo da inferior. Faz-se desaparecer com massagens, molhando o dedo num preparado

feito com: Lanolina, água de Pagliari, sulfato de alumínio, bálsamo de mēsa e esecência de limão, em partes iguais. A massagem dos olhos é muito delicada e tem de ser feita muito ao de leve porque feita com força pode prejudicar a vista.

A vida moderna

TEM as suas exigências e também a mulher é por elas dominada. Os pais preocupam-se hoje com a colocação das filhas. Surge infinitante o problema: Devem dirigir-se as raparigas para as carreiras liberais? ou é preferível um ofício livre? A arte de modista ou de costureira? Ou não será melhor ser professora? O problema complica-se com a questão da vocação. Uma das carreiras mais apreciadas no estrangeiro é a de desenhadora, mas para isso não bastam os estudos é necessária a intuição saber atrair o olhar com um desenho bem lançado não é para todas. Conhecer a técnica é indispensável mas é preciso ter a arte de chamar a atenção num cartaz. E é hoje, êsse, um modo de vida que rende, nesta luta de «réclame» entre as várias casas produtoras, que necessitam de quem com boa técnica e arte própria chame a atenção para os seus produtos. E é esta sem dúvida uma maneira de ganhar a vida, muito própria para quem precisa e em que uma rapariga está muito bem.

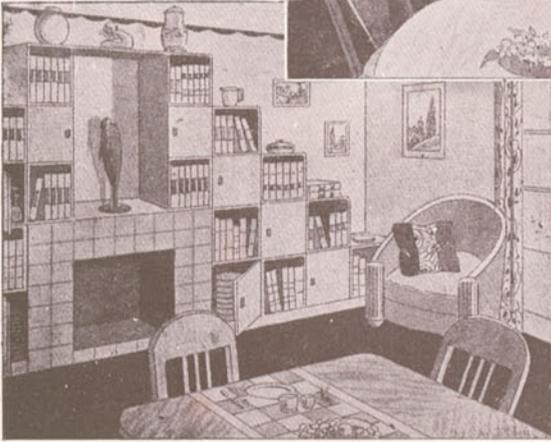
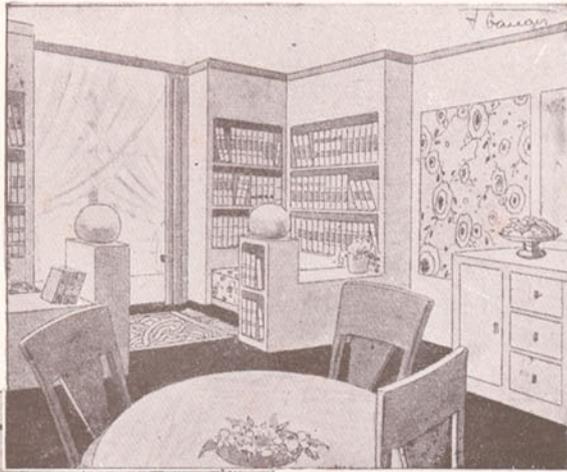
Receita de cosinha

Mãos de cordeiro à florentina: Cortam-se as mãosinhas ao meio. Cozem-se em água e põem-se numa vasilha funda, com uma cenoura, uma cebôla picada e ramos de salsa, raspas de limão e um pouco de vinho branco, temperam-se de sal e pimenta e deixam-se neste tempêro algumas horas, voltando-as de vez em quando para que tomem o tempêro. À parte faz-se um molho de cem gramas de farinha, um pouco de sal, uma colher de azeite, e um pouco de água. Desfaz-se e liga-se tudo muito bem. Juntam-se duas claras de ovo, batidas am ponto de neve. Secam-se bem as mãos num pano e embrulham-se bem na pasta, que deve estar bem espessa, e põe-se a frigar em azeite bem quente; escorrem-se e colocam-se numa travessa com um ramo de salsa. Serve-se com molho de tomate.



A casa

NAS pequenas casas modernas há muitas vezes dificuldade em se ter divisões especiais para cada coisa. E porque se mora numa pequena casa, não se deixa de gostar de ter um «home» confortável e simpático. Mas é fácil conjugar tudo, unindo numa mesma divisão a casa de jantar e o escritório. Parece que não ficará bem à primeira vista, mas, fixem



as nossas leitoras, as gravuras que hoje damos e verão, que interessante e confortável está esta sala de jantar escritório, em que se pode trabalhar e comer num ambiente de conforto e de elegância, com o ar simpático de habitado que dá às casas um aspecto tão atraente. Temos a certeza de que a leitora, que se resolver a adoptar este sistema, não se lamentará mais da sua casa ser pequena, e antes verá nessa pequenez mais um motivo de graça e encanto, no seu lar artisticamente cuidado

Vida longa

DIZ-SE habitualmente que as vidas são curtas, e, nada é mais falso. Vive-se agora muito e a prova é que estão morrendo pessoas de avançada idade: morreu na Irlanda com 111 anos, Catarina Punchett, que foi esperta e ladina até aos últimos dias da sua vida. Podia gabar-se de ter vivido durante o reinado de cinco monarcas. Nasceu pouco depois da subida ao trono de Jorge IV, e tinha 17 anos quando Vitoria cingiu a coroa, neta de Lord Punchett que pertencia à corte da rainha Vitoria, viveu toda a vida na Irlanda. Não queria saber das descobertas modernas, nunca foi a um cinematógrafo e tinha uma verdadeira aversão pela Rádio. Até aos 105 anos manteve o antigo hábito de ir à igreja, num brilhante coche puchado a quatro cavalos. Comeu sempre abundantemente. A morte colheu-a depois de ter jantado peru assado e «plum-pudding». Talvez que se fosse mais sóbria resistisse mais porque tinha uma admirável constituição.

Trabalhos femininos

NOS nossos trabalhos como em tudo, a moda tem imposições e há verdadeiras revoadas. O que era bonito um ano, dois anos depois já se não pode ver. Agora com as mangas «á gígot» volta a moda dos «crochets» essa renda tão bonita e tão fácil de fazer, que tinha sido declarada pouco elegante, e um pouco ridicularizada foi abandonada. Mas com os vestidos mais compridos

o «crochet» volta a gozar o primeiro plano. Damos hoje o modelo de um entremeio muito simples, mas muito bonito, que, servirá às principiantes, assim como aquelas, que têm de fazer a sua nova aprendizagem, pois já estão esquecidas dessa renda, que nos seus tempos de meninice era o primeiro trabalho, que se aprendia. Este entremeio pode ter variadíssimas aplicações o que o torna além de bonito de uma grande utilidade,

porque se pode enfeitar roupa de corpo, ou de casa e ainda usá-lo como guarnição de um vestido se se fizer em linha de côr.

Uma reporter

«MISS» Robinson uma excepcional reporter dos jornais americanos, que consegue com hábeis estratégias entrevistar as pessoas menos acessíveis, não conseguiu entrevistar Greta Garbo, que agora se encontra na Suécia pátria da Robinson. A jornalista está muito magoada com o acolhimento da estrêla. Começou por lhe enviar flôres que a artista recusou fechando-lhe na cara a porta da sua «cabine» quando viajavam ambas no vapor de luxo Gripsholm, que ia para Göteborg. «Veio incomodar o meu descanso noturno, disse-lhe a Garbo entreabrindo apenas a porta da «cabine». Mas são apenas nove da manhã respondeu a outra. «E de tôda a maneira é o meu repouso noturno, porque dormia». Decididamente Greta Garbo está agora num momento de irritação nervosa, que a torna mais inacessível. «Miss» Robinson declarou que lhe foi mais agradável estar numa sala com Jack Diamond, o rei dos «gangsters» do que tentar tão difícil entrevista. De facto a atrevida jornalista, quiz demonstrar aos jornaes americanos que Diamond é um perfeito fidalgo e convidou-o a jantar em gabinete particular. Ele aceitou, mas fez-se acompanhar, por um bom número de homens armados, mas

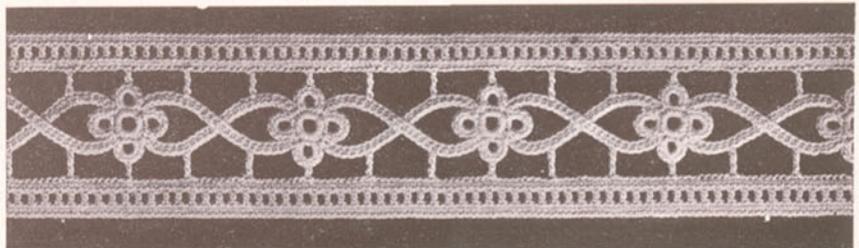
para não desgostar «Miss» Robinson deixou-os fóra da porta. A situação não era das mais agradáveis, mas proporcionou á jovem suéca, uma emoção de primeira ordem. A conclusão é que é mais acessível um rei dos bandidos, do que uma estrêla de cinema quando está de mau humor.

Pestanas de ouro

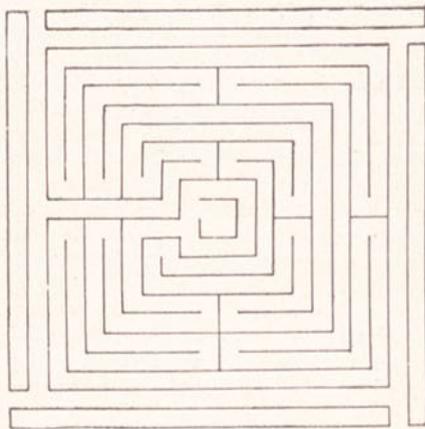
NÃO sómente as pestanas de ouro e de prata representam a última elegância da mulher americana mas tornaram-se também de moda, para as senhoras excêntricas, as pestanas de côres várias que dão ao olhar um extranho encanto. E não foram esquecidas as senhoras de idade, que com as sobranceiras rapadas e pintadas e com as pestanas douradas conseguem ter um olhar infantil. Veremos senhoras de sessenta anos que nos olham com mocidade. As pestanas de ouro e de prata tem tido um grande sucesso porque, na verdade dão ao olhar uma indescritível sedução. São plantadas (digamos assim) uma por uma, numa placasinha transparente que se coloca na borda das pálpebras. Particularidade interessante: as novas pestanas de ouro, de prata e de côr resistem às lágrimas. Representa isto uma verdadeira conquista. Que acontecerá quando nas pestanas falsas passe a expressão duma verdadeira? Acontecerá, vê-las cintilantes de lágrimas, mas sem nenhuma mortificação sentimental. Admirar-se-á só o privilégio estético. O coração não entra. E se quiserem dizer uma velha frase — hoje fóra de moda — o coração despedaçado? Paciência! Se o coração se despedaça as novas pestanas ficam impassíveis.

A carteira

ANTIGAMENTE era difícil que uma senhora fosse roubada na rua ou nos lugares públicos. Hoje as coisas estão muito mudadas. As nossas avós usavam consigo poucas coisas, e, escondiam-nas em algibeiras, que por sua vez se perdiam na profundidade dos vestidos. Não se usava então a carteira e nos salões elas eram um «carnet», um adorno, e, nunca para levar coisas. O único objecto que as senhoras usavam além do dinheiro era um lenço. Hoje as carteiras são verdadeiras malas, e contêm inúmeros objectos. A inglesa usa na carteira o seu livro de cheques, uma pena de tinta permanente, tudo o que é necessário para fumar, um «carnet», bilhetes de visita, postais para escrever rapidamente aos amigos, o seu bilhete de identidade. Às vezes pôde ser preciso. Mas uma senhora tem na rua necessidade de tratar a sua beleza, e a carteira tem também, um pente, «bâton», «rouge», pó, um frasquinho de água de colônia, um tubo de crême, um frasquinho de sais, uma tesourinha, um ferrinho para as unhas. E depois pôde ter-se dôres de cabeça na rua, é preciso aspirina. Enfim é necessário dinheiro e a mulher não sai de casa sem as suas chaves. Como se vê é uma verdadeira bazar, a carteira duma senhora, cheia de coisas indispensáveis, que se podem perder, mas não importa porque se tem de substituir e a carteira é indispensável mas facilíma de roubar.



LABIRINTO



BRIDGE

Espadas. — Dama, Valete, 4.
 Copas. — 6, 5.
 Ouros. — Rei, Valete, 8, 6, 5, 4, 2.
 Paus. — 2.

Espadas. — 5, 6, 8, 9, Rei, Az.
 Copas. — 4, Rei, Az.
 Ouros. — 3.
 Paus. — 6, Dama, Rei.

A Espadas. — 7, 3, 2.
C **D** Copas. — 3, 2.
 Ouros. — Az, Dama, 10, 9, 7.
B Paus. — 10, 4, 3.

Espadas. — 10.
 Copas. — Dama, Valete, 10, 9, 8, 7.
 Ouros. —
 Paus. — Az, Valete, 9, 8, 7, 5.

Situação: Uma partida cada um e O na segunda.

B é mão.
 Como se resolve a marcha do jogo?
 Há alguma saída no jogo, e para quem?
 Como hão-de os feitos dispôr o seu plano, para cumprir a declaração?

UMA CORTINA ORIGINAL

É uma cortina de rólhas de garrafa! Esta curiosidade existe num dos clubs mais elegantes de Londres.

Trata-se dum vasto reposteiro tendo sete metros de altura por cinco de largura, formado por oitocentas rólhas de garrafas de champagne, colocadas artisticamente sôbre 24 cordões de sêda.

Entre cada rólha há uma grande turqueza e, dum cordão para outro, as rólhas estão unidas por fitas de sêda das quais pendem bolas de cobre dourado.

Dizem que o efeito obtido é muito original e mesmo artístico. As rólhas, naturalmente, conservaram as marcas distintivas: o Cliquot altera com o Roederer, e o Montebello com o Dry espumante.

Mas o que dá mais interêsse a êsse reposteiro, já único na sua espécie, é que cada uma das rólhas, antes de ser empregada para êsse fim, foi enriquecida com um autógrafo duma notabilidade do teatro ou da literatura.

PENSAMENTOS

Quanto mais uma mulher gosta do seu marido, mas ela lhe corrige os defeitos; quanto mais um marido gosta da sua mulher, mais lhe aumenta os defeitos.

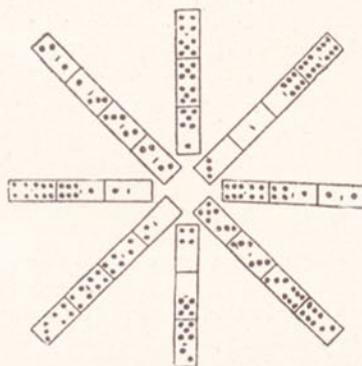
Querer recuperar o tempo perdido é procurar no mar a água do rio.



UMA ESTRELA DE DOMINÓ

Coloquem-se as 28 pedras de dominó, como se vê na gravura, de modo a formar uma estrela com raios alternados de três e quatro pedras.

Cada raio deve conter vinte e um pontos (no exemplo que indicamos só um deles os contém)



e os números centrais devem ser 1, 2, 3, 4, 5, 6 e dois brancos como se está vendo aqui também, podendo êstes ficar em qualquer ordem. Em todos os raios as pedras devem ser colocadas, segundo a regra costumada, isto é, seis contra seis, dois contra dois, e assim por diante.

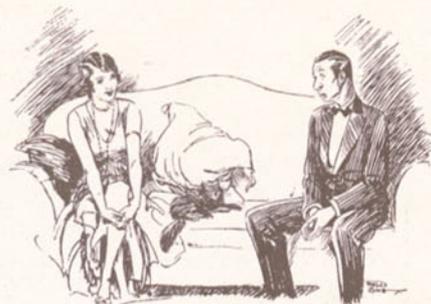
UMA FRASE DE XISTO V

Antes da sua exaltação ao Solio Pontifício Xisto V andava curvado pelas ruas de Roma. Mas, logo que foi eleito Papa, começou a andar desempenado e direito.

Tendo-lhe alguém perguntado a razão disso, respondeu:

— Quando eu era apenas cardeal, procurava as chaves do paraíso, e inclinava-me para as apañhar; agora que já as tenho, o meu dever é olhar para o Ceu.

O ESPIRITO LÁ FORA



ELA — Se se acha assim tão só, porque não casa?
 ELE — Não encontro rapariga que me queira...
 ELA — Tem razão. Não me lembrava disso.

(Do «The Humorist».)

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I	M	A	R	G	A	R	I	D	A		
II	E	V	E	R	D	E	T	E	S		
III	S	E	S	A	E	T	A	S	A		
IV	P	S	J	U	L	A	M	E	L		
V	E	T	N	A	O	M	E	T	A		
VI	R	O	C	I	O	V	A	C	U	M	
VII	A	R	A	S	F	C	O	B	A		
VIII	N	I	S	P	U	M	S	A	N		
IX	T	L	R	A	R	O	S	L	C		
X	O	R	E	P	O	L	H	O	A		
XI	M	A	N	U	S	E	A	D	O		

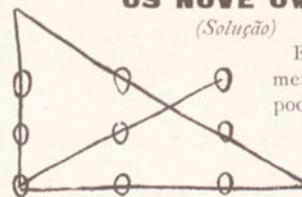
BRIDGE

(Solução)

De qualquer maneira que se jogue, sempre B terá de perder uma vasa além de aquela que constava da sua declaração.

OS NOVE OVOS

(Solução)



Eis o menor número de linhas que podem ser traçadas passando por todos os ovos, sem deixar nenhum deles, nem nenhum grupo deles, isolado dos outros conforme o enunciado do problema prescrevia

ANEDOTAS

Entre amigos:

- E tu, Gabriel, de que vives?
- Eu, do ar.
- Não entendo. Explica-te.
- Pois é bem simples: sou fabricante de leques.

— Eu nunca vi o Machado reconhecer que tinha feito uma asneira!

- Vi-o eu, uma vez.
- Essa é boa! Então, quando foi?
- Foi numa ocasião em que, distraído, meteu o charuto na boca pela ponta acêsa?

O *capitalista*: — Então, amigo, não reparou naquele garoto que lhe tirou o lenço da algibeira, e vai, além, a fugir com êle?

O *negociante*: — Está bem, deixá-lo lá; também nós começámos por pouco, não se lembra?

Roberto: — Quantas creadas precisa sua mulher?

Sousa: — Duas: uma a ajustar-se, outra a despedir-se.

Um marido que, em sua casa, não faz mais do que obedecer, recebe a notícia de haver contraído casamento um amigo seu, e exclama:

- Muito me alegre!
- Mas, depois pensando, acrescenta em tom de comisseração:
- Não sei porque me hei de alegrar, quando êsse amigo foi sempre bom para mim, e nunca me fez mal.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMESTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
 — Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORE/

IMPRESSORES/



Agencia

TELEFONE

21368

BERTRAND

IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas | brochado. 10\$00
| encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. 8\$00

PEDIDOS À

LivRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Dicionário do Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensavel a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. . . 7\$00

Pedidos á S. E. PORTUGAL-BRASIL

—Rua da Condessa, 80, 1.º — LISBOA—

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

CIMENTO ARMADO

2.ª edição

Propriedades gerais. Materiais usados: o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Fôrmas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por João Emilio dos Santos Segurado.

1 volume de 632 pag., com 351 grav.,

encadernado em percalina. **25\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère
para a

Conversão de quilates em milésimos
por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de
CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata

1 volume de 300 páginas, brochado . . . 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição de

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 volume de 356 páginas { brochado 12\$00
encadernado 16\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortópico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. 15\$00

Os dois dicionários juntos, enc. 28\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-textes* em papel *couché*, in-4.º.—Encadernação própria e cerca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

III tomos — 19 volumes

Assinaturas novas só se aceitam a volumes completos

A TERMINAR BREVEMENTE A PUBLICAÇÃO

Cada volume, encadernado..... 65\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas } brochado 12\$00
encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo,
com 90 grandes ilustrações
de Bordallo Pinheiro, repro-
duzidas pela photogravura,
além d'outras inseridas no
texto. Impressão a preto e
côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

*Aos condutores de automóveis recomenda-se
este manual como imprescindível para
a sua educação profissional,
pois contém a*

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automovéis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina

Escudos 25\$00

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Livros da Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar , 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática , 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico , 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de Química , 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica , 1 vol. enc.	12\$00
Elementos da História de Arte , 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar , 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço , 1 vol. enc.	14\$00
O Livro de Português , 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garret, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gêlo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAIS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBULAÇÕES DE UM CHINES NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KÉRABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FERIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMILIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



“Todos precisamos de tomar Ovomaltine”

A perturbação e anciedade destes tempos de depressão produz um péssimo efeito sobre a saúde, sendo por isso nesta ocasião que mais devemos pensar em a defender contra todos os perigos. Quando o cérebro, os nervos e o corpo estão em perfeitas condições é muito mais fácil enfrentar as perturbações e as dificuldades com alegria e confiança.

A saúde depende quasi inteiramente duma alimentação correcta e adequada. Os alimentos vulgares, carecem de qualidades nutritivas; eles devem ser acompanhados por um alimento rico em elementos nutritivos.

Para esse fim nada há como a OVOMALTINE; Ela é a conhecida bebida alimenticia que possui correctamente combinados os alimentos nutritivos em grande quantidade. É um alimento original feito de extracto de malte, leite e ovos frescos, das melhores produções suissas.

Velhos e novos, necessitam desta deliciosa bebida para assegurar uma aptidão mental e fisica perfeitas e uma boa saúde.

OVOMALTINE

é a saúde

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE

A venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

Un'cos concessionarios para Portugal
ALVES & C.^a (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41, 2.^o — LISBOA

